

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS**

SINTIA DEON

**BRUXARIA E CRISTIANISMO EM *LOLLY WILLOWES* DE SYLVIA
TOWNSEND WARNER: UMA ANÁLISE VOLTADA AO FEMININO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**PATO BRANCO
2019**

SINTIA DEON

**BRUXARIA E CRISTIANISMO EM *LOLLY WILLOWES* DE SYLVIA
TOWNSEND WARNER: UMA ANÁLISE VOLTADA AO FEMININO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso Superior de Licenciatura em Letras Português-Inglês, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR *Campus* Pato Branco como requisito parcial do título de Licenciatura.

Linha de Pesquisa: Literatura Inglesa

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mariese Ribas Stankiewicz

PATO BRANCO

2019



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO


LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS


FOLHA DE APROVAÇÃO


Autor (a): **SINTIA DEON**

Título: Bruxaria e cristianismo em *Lolly Willowes* de Sylvia Townsend Warner: uma análise voltada ao feminino

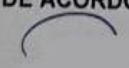
Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 03 / 07 / 19, pela comissão julgadora:


Prof. Dra. Mariese Ribas Stankiewicz – UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca


Prof. Dra. Mirian Ruffini – UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora


Prof. Dra. Camila Paula Camilotti – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:


Rosângela Aparecida Marquezi
SINPE 633.312
Coordenadora do Curso de Licenciatura
em Letras Português-Inglês
UTFPR - Câmpus Pato Branco

Prof.ª Ma. Rosângela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

A folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado inspiração e me ajudado em todos os momentos ao longo da graduação.

Quero também agradecer a toda minha família, por ter me auxiliado com palavras de força e ânimo, sempre me ajudando com tudo.

A esta universidade, todos os professores e funcionários, por me receberem e por terem me dado todo o conhecimento que carrego em mim. Por ter possibilitado que meu sonho se realizasse, me dando a oportunidade de cursar o ensino superior.

Agradeço especialmente ao Departamento de Letras e todo o curso, por ser o melhor curso do mundo.

A professora Mariese, por ter aceito meu convite e por ter sido um anjo me orientando, por me acalmar em momentos de desespero e me inspirar sempre.

Carinhosamente quero agradecer as professoras Mirian Ruffini e a Camila Camilotti, por fazerem parte de minha banca e por me auxiliarem durante todo o curso.

A todos que de alguma forma me auxiliaram no período de graduação.

“[...] as bruxas são as mulheres conscientes da sua plena capacidade. Quando atingem esse ponto, tornam-se especiais.”

Roberto Lopes
O Livro da Bruxa
(2008)

RESUMO

DEON, Sintia. **Bruxaria e Cristianismo em *Lolly Willowes* de Sylvia Townsend Warner: Uma Análise Voltada ao Feminino**. 2019. 60 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letras Português – Inglês). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2019.

Sylvia Townsend Warner (1893-1978) foi uma proeminente escritora britânica do início do século XX, mas pouco conhecida no meio acadêmico brasileiro. Dada a importância de sua obra no que diz respeito aos estudos feministas, este trabalho trata de uma análise dos elementos da bruxaria e do cristianismo, em *Lolly Willowes* (1926), romance que apresenta uma relação entre o realismo e o fantástico. A trajetória da protagonista Laura, nascida e educada em um lar cristão, até a sua consolidação como bruxa em um vilarejo próximo da cidade em que vivia, é observada aqui como o desenvolvimento da libertação feminina das amarras patriarcais. Neste sentido, foi necessário um estudo sobre o contexto social europeu do início do século passado, bem como informações sobre a bruxaria e sobre o papel da mulher daquela sociedade. Assim, o principal objetivo desta pesquisa foi o de analisar os pontos em comum e as diferenças entre o cristianismo e a bruxaria e como acontece a presença de ambos os temas em *Lolly Willowes*, baseando-se em teorias feministas e voltada ao feminino. Para essa análise, foram utilizadas ideias e teorias de autores que estudaram sobre o paganismo, como Scott Cunningham (1998) (2001) (2018) e Nubia Hanciau (2004), além de sites sobre esoterismo que tratam principalmente sobre o significado das ervas e dos elementos da bruxaria. Também foi importante a leitura dos escritos de Claire Harman (1991), dentre outros autores que estudam a respeito da vida de Warner, tais como Jacqueline Shin (2009), Gill Davies, David Malcolm e John Simons (1991) e Janet Montefiore (2005). A partir desta análise foi possível perceber um pouco do contexto histórico em que Warner viveu, destacando-se as imagens e o papel feminino no século XX, que era quase totalmente direcionado ao lar. Portanto, ao escrever *Lolly Willowes*, Warner faz uma crítica à sociedade – a bruxaria poderia ser analisada como a liberdade que as mulheres procuravam ou como a aventura que desejavam viver. Além disto, Warner fortificou o seu texto, fazendo algumas menções ao cristianismo, colocando a mulher como exemplo social, submissa e regrada. Foi constatado que a bruxaria presente nesse primeiro romance de Warner é bem profunda e embasada no livro *O Culto das Bruxas na Europa Ocidental* (2003) (*The Witch-Cult in Western Europe*), de Margaret Murray.

Palavras-chave: Bruxaria; Cristianismo; Mulher; Feminismo; Warner.

ABSTRACT

DEON, Sintia. **Witchcraft and Christianity in Sylvia Townsend Warner's *Lolly Willowes: A Woman-Centered Analysis***. 2019. 60 p. Concluding Course Paper (Graduação em Licenciatura em Letras Português – Inglês). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2019.

Sylvia Townsend Warner (1893-1978) was a prominent British writer of the early twentieth century, but little known in the Brazilian academic *milieu*. Given the importance of her work in regard to feminist studies, this work deals with an analysis of the elements of witchcraft and Christianity in *Lolly Willowes* (1926), a novel that shows a relationship between the realism and the fantastic. The trajectory of the protagonist Laura, born and educated in a Christian home, until her consolidation as a witch in a village near the city in which she lived, is observed here as the development of the female liberation from the patriarchal moorings. In this sense, it was needed a study on the European social context of the beginning of the last century, as well as information about witchcraft and the role of women in that society. Thus, the main objective of this research was to analyze the commonalities and the differences between Christianity and witchcraft and how the presence of both themes in *Lolly Willowes* happens, based on feminist and feminine theories. For this analysis, ideas and theories of authors who have studied paganism, such as Scott Cunningham (1998) (2001) (2018) and Nubia Hanciau (2004), were used, as well as sites on esotericism that deal mainly with the meaning of herbs and of the elements of witchcraft. It was also important to read the writings of Claire Harman (1991), among others who have studied Warner's life, such as Jacqueline Shin (2009), Gill Davies, David Malcolm and John Simons (1991) and Janet Montefiore (2005). From this analysis it was possible to perceive a little of the historical context in which Warner lived, standing out the images and the feminine role in the twentieth century, which was almost totally directed to the domestic environment. Thus, in writing *Lolly Willowes*, Warner criticizes society – witchcraft could be analyzed as the freedom women sought, or as the adventure they wished to live. In addition, Warner fortified his text, making some mentions to Christianity, placing the woman as a social example, submissive and ruled. It has also been found that the witchcraft present in this first novel by Warner is very deep and based on Margaret Murray's *The Witch Cult in Western Europe* (2003).

Keywords: Witchcraft; Christianity; Woman; Feminism; Warner.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 SYLVIA TOWNSEND WARNER E <i>LOLLY WILLOWES</i>: CONTEXTO E NARRATIVA	14
1.1 A AUTORA: SUA VIDA, SUA OBRA E O CONTEXTO EM QUE VIVEU	14
1.2 O ROMANCE: PONTOS SOBRE O FANTÁSTICO	22
2 BRUXARIA, CRISTIANISMO E SUAS REPRESENTAÇÕES EM <i>LOLLY WILLOWES</i>.....	28
2.1 CRISTIANISMO E SUA PRESENÇA EM <i>LOLLY WILLOWES</i>	29
2.2 SUBVERTENDO A ORDEM – ASPECTOS DA BRUXARIA EM <i>LOLLY WILLOWES</i>	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS.....	56

INTRODUÇÃO

O século XX foi palco de duas guerras que marcaram o cenário mundial no que diz respeito à economia, à política e à sociedade. A Primeira Guerra Mundial, como principal acontecimento do início do século passado, trouxe muitas mudanças sociais e artísticas, que se intensificaram e se reconstruíram a partir de uma nova maneira de conceber o mundo e de uma nova concepção do próprio ser humano. Neste sentido, além dos inúmeros conflitos, esse também foi um período importante para o desenvolvimento e fortalecimento do movimento feminista, quando padrões foram desconstruídos e a mulher começou a ter uma participação um pouco mais ativa dentro das comunidades ocidentais.

No entanto, o ambiente doméstico ainda era o principal local em que várias mulheres estavam destinadas a ficar, muitas vezes ficando tristes e até com depressão pelo fato de a sociedade esperar tanto delas e, também, por permanecerem trancadas sem liberdade para escolher a própria profissão. Com muitos homens em guerra, as mulheres precisaram sair de seus lares para trabalhar em indústrias e em empresas – começando a quebrar, assim, um tabu de longa data. Poder trabalhar fora de sua casa foi uma grande conquista para elas.

Sylvia Townsend Warner (1893-1978) foi uma escritora britânica muito importante dentro desse complexo fortalecimento da presença da mulher na sociedade. Junto a Virginia Woolf, Hilda Doolittle e Kate Chopin, Warner representa as mulheres que, em seu tempo, desempenhavam a atividade intelectual feminina tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos. Em *Lolly Willowes* (1926), seu primeiro romance, é possível encontrar toda uma questão feminista que aborda a participação da mulher na vida social, na instituição familiar e sua dificuldade de liberar-se das amarras patriarcais rígidas de sua época. Essa temática de seu romance foi muito elogiada e apreciada em sua época, por destacar a presença feminina contada por uma mulher – prática, então, não muito comum. Dessa maneira, “[...] Warner era uma temível feminista que sempre considerou os direitos das mulheres como inseparáveis de outras lutas pela paz, democracia e liberdade” (JOANNOU, 2006, p. 4).

Na época em que escreveu *Lolly Willowes*, Warner estava envolvida com um homem casado chamado Percy Buck (HARMAN, 1991, p. 24). É possível fazer até uma ligação entre um relacionamento insatisfatório com Percy na primeira parte do

livro, que mostra Laura Willowes submissa à família. Algum tempo depois a autora conhece Valentine Ackland, também escritora, com quem viveu pelo resto da vida (HARMAN, 1991, p. 73).

Warner trouxe para o meio literário um romance satírico contextualizado, principalmente, com os efeitos da Primeira Guerra Mundial e fortemente ligado ao feminismo que ganhou força naquele momento, quando as mulheres puderam sair de suas casas e conseguiram atividades longe de suas vidas monótonas. Várias análises poderiam ser feitas a partir de *Lolly Willowes*, apesar de a autora ter sido muito negligenciada no meio acadêmico durante muito tempo. Entre alguns poucos trabalhos feitos fora do Brasil, destacamos o de Jacqueline Shin e o de Harriet Baker.

Em “*Lolly Willowes and the Arts of Dispossession*” (2009), Shin trata das questões do feminismo no romance, enquanto política de gênero no início do século XX. Nesse sentido, a estudiosa procura trazer uma análise sobre a luta das escritoras no começo do século passado, principalmente de Warner, no que diz respeito às questões *queer* e de gênero, em um âmbito mais político. Por outro lado, em “*Landscape and Embodiment in Sylvia Townsend Warner’s Lolly Willowes and The True Heart*” (2018), Baker procura contextualizar seus romances *Lolly Willowes* e *The True Heart* em relação à paisagem e ao ruralismo no período entre guerras. Baker discute que as protagonistas Laura Willowes e Sukey Bond saem de suas relações formais nas cidades e rumam em direção ao campo, a fim de encontrarem-se mais independentes em uma nova vida. Além disso, desde 2015, um grupo de pesquisadores tem feito antologias de artigos mais antigos e publicam novos relacionados a Warner, em *The Journal of the Sylvia Townsend Warner Society*¹. Muitos desses artigos tratam da vida e da obra da autora, bem como de resenhas de seus romances e de suas publicações como jornalista no século XX.

No Brasil, até o momento, não encontramos pesquisas relevantes acerca de *Lolly Willowes* para o *milieu* acadêmico. Sendo assim, este presente trabalho traz à luz a análise de um texto literário que não deve ficar no esquecimento, dando à comunidade acadêmica, principalmente brasileira, mais conhecimento desse romance que tem grande valor social e literário. Por conta dessa falta de conhecimento da obra de Warner e, em particular, desse romance, esta análise teve seu foco direcionado

¹ *The Journal of the Sylvia Townsend Warner Society* pode ser acessado em <https://www.townsendwarner.com/publications.php>.

para a presença da bruxaria e do cristianismo em seu enredo. Dessa maneira, foram verificados os detalhes de cada assunto (bruxaria e cristianismo) e até mesmo suas contradições, verdades e mitos sobre essas duas vertentes religiosas. Warner contrapõe a bruxaria e o cristianismo, estabelecendo paralelos com o papel da mulher, que é o principal alvo de acusação no cristianismo e ainda mais na bruxaria, que, na história de Warner, a protagonista Laura “Lolly” Willowes, acaba por encontrar seu mérito e valor.

No meio acadêmico, a obra de Warner, especialmente, *Lolly Willowes*, tem sido fracamente estudada e analisada, não apenas no Brasil, mas também em âmbito internacional. Existem textos críticos que exploram a questão da sexualidade e da representação da mulher neste romance. No entanto, um estudo mais aprofundado sobre a figura da bruxa e sobre assuntos que envolvem o cristianismo tem sido deixado de lado e, por esta razão, deveriam ser mais explorados, visto a importância destas temáticas, ainda nos dias de hoje. Além das justificativas anteriores também existe o interesse particular de trabalhar com a bruxaria por meio de Lolly Willowes.

Assim, o principal objetivo deste trabalho é o de analisar a representação da mulher no início do século XX, em paralelo com duas facetas religiosas instituídas culturalmente e metaforicamente na construção da identidade feminina: a cristã e a bruxa. Dessa maneira, entender como a mulher do início do século passado foi descrita por historiadores e esclarecer o que foi e como é vista a bruxaria presente em *Lolly Willowes* são pontos muito relevantes. Ainda, observando-se a narrativa do romance que contrasta situações realísticas com fantásticas, este trabalho mostra um estudo do fantástico na condição de gênero literário. Assim, ao estudar essas questões, verificou-se a forma como essa “religião” (a bruxaria) é cultuada e destacou-se a presença do cristianismo em oposição à bruxaria, mostrando implicações e concordâncias entre elas. Além disso, este estudo traz alguns pontos importantes durante o levantamento de algumas teorias e críticas feministas, principalmente, no âmbito da escrita feminina.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi feita uma leitura minuciosa de *Lolly Willowes* (1926), de Warner, especificamente de sua tradução ao português feita por Regina Lyra (2013), a fim de verificarem-se alguns pontos de destaque, principalmente da bruxaria – sobre como ela é representada no livro e se é a mesma religião cultuada nos dias de hoje; e o cristianismo – como é representado no romance e qual sua relação (contrária / comparativa) com a bruxaria. Além disto, alguns pontos

sobre o feminismo e sobre leituras acerca da bruxaria e do cristianismo, enquanto relacionados com o texto literário em questão, também foram relevantes. Assim, as teorias em *Minha História das Mulheres*, de Michelle Perrot, sobre a construção de gênero auxiliaram na estruturação desta pesquisa.

Em um contexto geral a bruxaria está presente em todas as partes do mundo, mas por esse motivo é difícil de se encontrar um momento ou ponto específico do início da bruxaria. Hoje em dia temos várias seitas religiosas e a mais próxima da bruxaria é a *Wicca* que se diz ramificação da mesma. Ao longo deste trabalho foram explanados alguns dos principais pontos de início da bruxaria e de sua presença principalmente na Europa.

Junto às análises desses aspectos, a leitura da história sobre a mulher do início do século XX e da literatura fantástica e suas vertentes foram também muito relevantes. Além disso, artigos científicos e livros relacionados aos temas aqui abordados, tais como *A Feiticeira no Imaginário Ficcional das Américas* (2004), de Nubia Hanciau, *História Noturna* (2012), de Carlo Ginzburg, são verificados para a estruturação das principais temáticas analisadas neste Trabalho de Conclusão de Curso.

O livro *A Feiticeira no Imaginário Ficcional das Américas*, de Nubia Hanciau, tem um conteúdo um pouco mais avançado sobre a bruxaria, a Inquisição e sobre o imaginário da sociedade, e também os relaciona com o feminino. Logo na epígrafe do livro se encontra uma citação de Madeleine Ouellette-Michalska que diz que

a feiticeira evade-se do círculo doméstico e empurra a fronteira cultural além do permissível, do conveniente, do adequado. Essa mulher ultrapassa as margens! Fala e mistura os filtros, as ervas, os excrementos, os cozimentos [...]. (HANCIAU, 2007, p. 7).

História Noturna: Decifrando o Sabá, de Carlo Ginzburg, pode ser considerado um relatório. Este livro trata da bruxaria e de seus significados e origens somente na primeira parte do livro. Em seguida, mostra uma série de relatos apavorantes de como aconteciam as práticas de bruxaria. O escritor faz a seguinte colocação:

Indícios muito vagos, como se vê, e destinados a assim permanecer, em vista da ausência de testemunhos mais precisos. Talvez não venhamos nunca a saber de que modo se passou das confissões extraídas dos judeus sob tortura em 1348 àquelas arrancadas (provavelmente por meios análogos) de bruxas e feiticeiros poucos anos depois, segundo a cronologia referida por Nider no *Formicarius*. (GINZBURG, 2012, p. 91).

A interpretação que podemos fazer do trecho citado, e que de fato é bem clara, é que não se sabe até onde são verídicas as informações obtidas pelas pessoas que atuaram na Inquisição, pois os acusados poderiam ter sido obrigados a falarem coisas, para talvez terem a chance de escaparem vivos.

Além dos estudos da história da mulher e da bruxaria, ao verificar-se a narrativa no romance de Warner, foi necessário o estudo da literatura fantástica, principalmente, observando-se as análises das várias teorias presentes no livro *A Literatura Fantástica: Caminho Teóricos*, feitas por Ana Luiza Silva Camarani. O livro apresenta uma grande variedade de teóricos e suas visões sobre o fantástico.

Como discutido anteriormente, por Warner ser pouco lembrada, poucos também são os críticos que analisaram e comentaram sobre sua obra, os principais críticos encontrados nesse trabalho são os presentes no livro *Critical Essays on Sylvia Townsend Warner, English Novelist 1893-1978*, editado por Gill Davies, David Malcolm e John Simons. Nesse livro, os críticos, em seus ensaios, fazem suas colocações e análises sobre a obra de Warner, possibilitando uma compreensão melhor, até mesmo das obras de difícil acesso.

Este trabalho foi dividido em dois capítulos pensados para ajudar a estruturar a análise da bruxaria e do cristianismo em *Lolly Willowses*. O primeiro capítulo, intitulado “Sylvia Townsend Warner e *Lolly Willowses*: Contexto e Narrativa” procura informar o leitor acerca da autora, de sua obra e sobre o contexto em que viveu e que, certamente, tem grande participação na elaboração de *Lolly Willowses*. Em seguida, foi reservado um espaço para o romance, principalmente, no que diz respeito à exposição do enredo, às suas características narrativas – especialmente, aos elementos fantásticos que o compõem – e às suas principais temáticas, priorizando a relação bruxa versus cristã inerente à protagonista do romance. Também são feitas pequenas contextualizações, relacionando sua obra em geral com o romance aqui analisado.

O segundo capítulo, intitulado “Bruxaria, Cristianismo e suas Representações em *Lolly Willowses*”, mostra uma análise da visão de Warner sobre a mulher do início do século XX, que se caracterizava como a cristã criada pela família e pela igreja e como a bruxa – metáfora para a liberação da mulher. Nesse sentido, Warner cria uma protagonista que incorpora as duas características, ainda que seu ímpeto à liberação constantemente a leve para o caminho da bruxaria. Para tanto, foi feita uma análise profunda dos elementos que caracterizam tanto a bruxaria como o cristianismo no

romance. Os livros que tratam sobre a bruxaria (e sobre o cristianismo) supracitados foram muito importantes para o desenvolvimento do capítulo.

1 SYLVIA TOWNSEND WARNER E LOLLY WILLOWES: CONTEXTO E NARRATIVA

Lolly Willowes começou a ser escrito em 1923 em um contexto de grandes transformações políticas e sociais envolvendo questões de gênero na Grã-Bretanha. O movimento sufragista feminino (pelo direito do voto) foi suspenso durante a Primeira Guerra Mundial. Contudo, por causa da ativação do trabalho da mulher na sociedade britânica, sua causa começou a ser reconhecida com o direito ao voto em 1918, porém, com muitas restrições. Em 1928, as mulheres conquistaram mais direitos de votos (PHILLIPS, 1990). No entanto, esses direitos ainda não lhes deram a condição de igualdade de gênero, ou seja, elas ainda eram muito discriminadas no que dizia respeito a empregos e salários. Em 1924, reformas trabalhistas do governo criaram algumas condições para as mulheres participarem de atos políticos em sociedade, para o Open Door Council, formado em 1926. Durante este período, uma importante ação foi a remoção do Sex Disqualification Act of 1919, que ditava quais poderiam ser as profissões para as mulheres (TAYLOR, 1965, p. 94). Em torno deste assunto, conhecemos o famoso ensaio “Profissões para Mulheres” (1931), de Virginia Woolf.

No sentido de situar a autora e seu romance em sua época, este capítulo traz algumas informações sobre a vida e a obra de Sylvia Townsend Warner e sobre o momento em que o romance *Lolly Willowes* foi criado. Em seguida, há uma análise da narrativa do romance, que oscila entre o realismo e o fantástico, ou seja, há realismo ao se tratar da condição da mulher da época, mas, também, o elemento sobrenatural indicativo do encontro de Lolly com o demônio e sua sucessiva transformação em bruxa abrange uma questão de incerteza e mistério, muito observada em textos fantásticos. Assim, fez-se uma análise dos elementos fantásticos do texto e como eles podem ser explicados por alguns teóricos desta modalidade literária.

1.1 A AUTORA: SUA VIDA, SUA OBRA E O CONTEXTO EM QUE VIVEU

Sylvia Townsend Warner nasceu em 1893 e cresceu em Harrow, perto de uma escola masculina, na qual seu pai era mestre. A morte do seu pai, em 1916, deixou-a muito triste e possivelmente influenciou o desenvolvimento de *Lolly Willowes*, dez anos mais tarde. Curiosamente, a história presente neste romance pode ser verificada

de acordo com alguns traços autobiográficos de Warner – o desconforto que provavelmente sentia com a equiparação da mulher a uma propriedade, na sociedade intensamente patriarcal de sua época, leva-a a criar uma protagonista, desestabilizada por causa da morte recente do pai:

Com o pai morto, esperava-se dela que se integrasse ao lar de um ou de outro irmão. E Laura, sentindo-se um pouco como uma parte do patrimônio deixada de fora do testamento, se dispôs a ser alocada de acordo com as necessidades da família. (WARNER, 2013, p. 11).

No entanto, Warner segue sua vida de maneira independente, contrastando com o que acontecia com a maioria das mulheres de sua época. A Laura do romance desenvolve-se em um crescente para a sua liberação ao final.

Warner foi uma mulher muito importante para o contexto feminista da época, além de poeta, jornalista, escritora de cartas, romances e ensaios, musicóloga e tradutora. “Seu trabalho inclui nove volumes de contos, sete romances, oito volumes de poesia (incluindo *Selected Poems*), uma notável biografia de T. H. White e uma coleção de suas cartas”² (WARNER, 1985, orelha do livro; minha tradução³).

Além de *Lolly Willowes* (1926), os romances escritos por Warner são *Mr Fortune’s Maggot* (1927) – que, como o primeiro, apresenta um contraste entre o cristianismo e o paganismo – *Summer Will Show* (1936), e *The Corner That Held Them* (1948), cuja temática recorrente revela o posicionamento da mulher frente aos limites lhe concedidos na sociedade patriarcal. Interessantemente, suas descrições das paisagens naturais estão sempre presentes, revelando um lirismo que é próprio de seu estilo. Outros romances são *The True Heart* (1929), *After the Death of Don Juan* (1938), *The Flint Anchor* (1954), que mais tarde foi revisado e renomeado para *The Barnards of Loseby* (1974).

Entre seus contos, estão “A Moral Ending and Other Stories” (1931), “The Salutation” (1932), “More Joy in Heaven” (1935), “The Cat’s Cradle Book” (1940), “A Garland of Straw and Other Stories” (1943), “The Museum of Cheats” (1947), “Winter in the Air and Other Stories” (1955), “A Spirit Rises” (1962), “A Stranger with a Bag and Other Stories” (1966), “The Innocent and the Guilty” (1971) e “One Thing Leading

² “Her work includes nine volumes of short stories, seven novels, eight volumes of poetry (including *Selected Poems*), a remarkable biography of T. H. White, and a collection of her letters” (WARNER, 1985, orelha do livro *Selected Poems*).

³ Todas as traduções diretas são de minha autoria, salvo as que foram citadas nas referências.

to Another and Other Stories” (1984), esta última sendo uma antologia organizada por Suzanna Pinney, amiga de Warner e estudiosa de sua obra.

O último de seus trabalhos publicados ainda em vida foi *Kingdoms of Elfin* (1970), que diz respeito a uma coletânea de dezesseis histórias ligadas ao mundo feérico, associadas às relações com o “Outro”, metáfora para as diferenças dentro de uma sociedade. Depois da morte de sua companheira, Valentine Ackland, que a deixou desolada, e ao fim de sua própria vida, a autora observa o seguinte:

Eu de repente olhei em volta da minha carreira e pensei ‘Bom Deus, eu estive entendendo o coração humano por todas estas décadas. Besteira o coração humano, eu estou cansada do coração humano. Eu estou cansada da raça humana. Eu quero escrever sobre algo inteiramente diferente’.⁴ (WARNER, 1975 *apud* HOTZ-DAVIES, 2018, p. 1-2).

Algumas dessas histórias foram publicadas no *The New Yorker*. A temática é fascinante e contém imagens que entrelaçam o mundo da fantasia com a realidade em que vivia.

Além de ficção, Warner escreveu não-ficção – como já comentado, a biografia de T. H. White – e artigos antifascistas para publicações esquerdistas como a revista *Time and Tide* e o periódico *Left Review*. Também escreveu vários livros de poesia. Em 1934, ela publicou um livro de poemas com Ackland, *Whether a Dove or a Seagull*. Em seus poemas, os temas que prevalecem tratam da morte, do sexo e do trabalho, além de vários deles fazerem menções a assuntos relacionados à natureza e às bruxas.

Warner fez a publicação de oito volumes de poemas, mas o acesso a eles é quase impossível. Dos oito volumes, consegui acesso a apenas três deles, o *Selected Poems* que foi publicado pela primeira vez em 1985, *Boxwood*, de 1960, e *Opus 7*, de 1931. Na orelha do livro *Selected Poems*, Jones Mole, em *South West Review*, faz o seguinte comentário acerca dos *Collected Poems*:

O *Collected Poems* exibe uma habilidade admirável, uma musicalidade sutil, e uma imensa variedade: baladas, diálogos, epitáfios, ‘leitores conjeturais’,

⁴ “I suddenly looked round on my career and thought, ‘Good God, I’ve been understanding the human heart for all these decades. Bother the human heart, I’m tired of the human heart. I’m tired of the human race. I want to write about something entirely different’” (WARNER, 1975 *apud* HOTZ-DAVIES, 2018, p. 1-2).

letras, paisagens emblemáticas. [...] A música solene aprofunda-se à medida que a poeta envelhece.⁵ (MOLE, 1985).

A história das mulheres é cheia de acontecimentos como a conquista dos votos, conquistas de direitos tanto a respeito de vestimentas como em questões jurídicas, que são de grande importância para as mulheres do século XXI que podem usufruir desses direitos. Como se sabe o primeiro livro de Warner foi lançado na década de 1920, assim também é possível perceber, pela leitura do romance, que o contexto da época teve influência na escrita de Warner.

Os primeiros anos do século XX são de grande importância para as mulheres. Naquele período houve muitas conquistas que as mulheres usufruem hoje:

Havia sinais de emancipação das mulheres na década de 1920: as mulheres usavam os cabelos curtos, desfrutavam de algumas das liberdades anteriormente limitadas a homens solteiros e, na Inglaterra, obtinham o direito de voto.⁶ (SOHN, 1994, p. 92).

Essas mudanças aconteceram graças às lutas femininas que se dividiram em três principais momentos. O site *Toda Política* tem uma publicação feita por Tié Lenzi, que discute vários acontecimentos importantes do feminismo, de forma bem didática. A primeira onda feminista aconteceu juntamente com a Revolução Francesa, quando as mulheres começaram a questionar o porquê de serem reprimidas, além de lutarem pelo direito ao voto feminino, que foi o chamado movimento sufragista (LENZI, 2018).

A segunda e a terceira onda feminista tem início por volta dos anos 60. Porém, Heloisa Buarque de Hollanda que é organizadora de um livro chamado *Explosão Feminista*, em que, como ela mesma diz em sua introdução:

“procurei produzir um panorama da quarta onda feminista, examinando o contexto dos novos ativismos nas ruas e na rede, dos vários feminismos da diferença, do feminismo na poesia, nas artes, na música, no cinema, no teatro e na academia.” (HOLLANDA, 2018, p. 13).

Assim é possível ver que o feminismo continuou e ainda continua se desenvolvendo e trazendo cada vez mais conquistas para nós, mulheres. A partir dos

⁵ “The Collected Poems displays admirable craftsmanship, a subtle musical ear, and immense variety: ballads, dialogues, epitaphs, ‘conjectural readers’, lyrics, emblematic landscapes. ... The solemn music deepens as the poet grows older” (MOLE, 1985).

⁶ “There were signs of women’s emancipation in the 1920s: females wore their hair short, enjoyed some of the freedoms previously limited to unmarried males, and in England obtained the right to vote” (SOHN, 1994, p. 92).

principais títulos de seu livro, percebe-se que existe uma grande abrangência dentro do nome feminismo, ela mostra suas vertentes nas várias características culturais, o que torna tudo mais interessante.

Ao longo da segunda onda, intensificou-se o questionamento a respeito de suas submissões e a coletividade das mulheres. Já durante a terceira onda, entendeu-se que a submissão que as mulheres sofriam, e ainda sofrem, é resultado de construções sociais, e que isso pode ser revertido. Ainda neste momento as mulheres buscam por liberdade total. (LENZI, 2018).

Para este trabalho, o principal momento é o da primeira onda, pois acontece no período em que *Lolly Willowes* é escrito e publicado. Como dito anteriormente, possivelmente, a obra de Warner teve influência do contexto histórico em que foi produzida. Foi justamente quando as mulheres começaram a efetivamente questionar o fato de não poderem ter suas próprias escolhas, e Warner relata exatamente isso em seu livro: “De *Lolly Willowes*, a versão fantástica de um manifesto feminista [...]”⁷ (BINGHAM, 2006, p. 41).

Em *Lolly Willowes*, Laura vive sua vida de forma feliz até que o momento de se casar, de construir uma família, é chegado. A partir disso, Laura toma uma bela e forte decisão, desobedecendo a seu irmão e indo viver sozinha – uma atitude de esplêndido poder, para a época em que Warner escreveu, pois claramente mostra uma mulher muito confiante de si e cheia de desejo pelas aventuras da vida. Sem ter de passar a vida de forma entediante e ter de viver para poder ser chamada de “boa mulher” perante a sociedade:

Ninguém se torna bruxa para sair por aí prejudicando, nem para sair por aí ajudando, como uma voluntária de paróquia montada em uma vassoura, mas sim, para escapar de tudo isso, para ter vida própria e não uma existência parcimoniosamente alimentada por terceiros [...]. (WARNER, 2013, p. 187).

Exatamente como Warner questiona, existiam inúmeras mulheres que se sentiam (e realmente estavam) presas dentro de uma vida que não lhe permitia a expressão ou demonstração de suas ideias, opiniões ou desejos. É isso realmente que todas as mulheres precisavam e queriam (e ainda precisam e querem), é por isso que lutavam e aos poucos conquistavam suas vitórias:

⁷ “From *Lolly Willowes*, the fantastical version of a feminist manifesto [...]” (BINGHAM, 2006, p. 41).

Como escritora com uma compreensão feminista da importância do concreto e do cotidiano, Warner também usou o lugar para enfatizar a importância do espaço doméstico frequentemente marginalizado. Sua compreensão da política de classe e gênero está enraizada no conhecimento do lugar. Ela está interessada em locais com uma história que incorpora a vida das pessoas comuns e suas coisas cotidianas. Na ficção e na não-ficção, ela celebra lugares simples e comuns (aldeias de *Dorset*, interiores de casas, objetos simples e prazeres domésticos). O relato de Warner sobre seu desenvolvimento da compreensão da vida no campo e sua política (para uma série em *The Countryman* apropriadamente chamada *The Way by Which I Have Come*) é uma realização detalhada da história e da materialidade do lugar na vida das pessoas, contestando a idealização urbana sentimental da classe média da vida no campo. Ela namora a ideia de deixar de ser uma 'cidadã' para a época em que, assim como *Lolly Willowes*, ela encontrou um lugar isolado em um mapa de levantamento de municações e foi morar lá.⁸ (DAVIES, 2006, p. 2).

Warner decide escrever sobre bruxaria em *Lolly Willowes* após a leitura de alguns livros que explicam e ensinam a prática da bruxaria. O principal livro, que inspirou Warner a escrever sobre uma bruxa, tem o nome de *O Culto das Bruxas na Europa Ocidental* (*The Witch-Cult in Western Europe*) (primeira publicação em 1921), de Margaret Murray:

Em 1923, Sylvia começou a escrever um romance ao lado dos poemas que ela agora considerava parte de sua vida. Chamava-se 'The Quick and the Dead', mas não se desenvolveu satisfatoriamente, e ela abandonou-o em favor de outra história que ela queria experimentar, a de uma bruxa contemporânea. Ela lera o livro de Margaret Murray, *The Witch-Cult, na Europa Ocidental* [...].⁹ (HARMAN, 1991, p. 59).

O livro de Murray é bem completo e fala da bruxaria em geral. A autora também era uma grande feminista e com esse livro deixou informações para os seguidores da bruxaria (MURRAY, 2003). Das várias características sobre a bruxaria

⁸ "As a writer with a feminist understanding of the importance of the concrete and the everyday, Warner also used place to emphasise the importance of frequently marginalised domestic space. Her understanding of class and gender politics is rooted in the knowledge from place. She is interested in locations with a history that incorporates the lives of ordinary people and their everyday things. In fiction and non-fiction she celebrates simple and ordinary places (Dorset villages, household interiors, simple objects and domestic pleasures). Warner's account of her developing understanding of country living and its politics (for a series in *The Countryman* appropriately called *The Way by Which I Have Come*) is a detailed realisation of the history and materiality of place in people's lives, contesting the sentimental, urban middle class idealisation of country life. She dates her ceasing to be a 'townee' to the time when, rather like *Lolly Willowes*, she found an isolated place on an ordnance survey map and went to live there" (DAVIES, 2006, p. 2).

⁹ "In 1923 Sylvia had begun to write a novel alongside the poems which she now considered part of her life. It was called 'The Quick and the Dead', but did not develop satisfactorily, and she abandoned it in favour of another story she wanted to try out, that of a contemporary witch. She had read Margaret Murray's book *The Witch-Cult in Western Europe* [...]" (HARMAN, 1991, p. 59).

presentes nesse livro, Warner faz uso de alguns itens específicos em *Lolly Willowes*, como a ideia de alimentar os familiares com sangue, a ideia de que a bruxa adora ao diabo, os sabás, entre outros.

Não somente em *Lolly Willowes*, mas em alguns de seus poemas, Warner faz referência à bruxaria ou a algum aspecto que tem relação com a bruxaria (natureza). Em seu livro de poemas *Selected Poems* ela faz menção à bruxaria, às bruxas de forma mais direta em três de seus poemas. “Under the Sudden Blue” é um de seus poemas que fala dos elementos da natureza, ervas, estações, sendo este um poema bucólico, tendo relação direta com a bruxaria (WARNER, 1985, p. 87).

No mesmo livro, Warner cita por duas vezes a palavra bruxa em seus poemas. A primeira vez é em “Fair, Do You Not See...” dizendo em sua última estrofe: “Then to the witch I sped. / Take out my eyes, I said, / Plant bright gems instead” (WARNER, 1985, p. 23). Por ser a última estrofe, é a única opção que resta à protagonista do poema, após ficar cega de amor, pedir a uma bruxa que tire seus olhos.

A segunda vez em que a palavra bruxa é mencionada é no poema “King Duffus”: “When all the witches were haled to the stake and burned; / When their least ashes were swept up and drowned. / King Duffus opened his eyes and looked round” (WARNER, 1985, p. 64). Aqui ela menciona as bruxas quando foram queimadas, e também faz menção ao Rei Duffus, um rei muito antigo e conhecido por ser justo. No poema, pode-se entender que o rei foi enfeitiçado e não consegue mais voltar a ser o que era antes.

Além dos discutidos, vários poemas de Warner têm relação indireta com a bruxaria; como dito anteriormente, vários de seus poemas têm um tom bucólico. E essa ligação está presente em outras de suas obras. Uma delas que se pode destacar é o livro *Opus 7*, uma narrativa poética, que conta a história de uma mulher antissocial e que tem alguns poderes sobrenaturais. Janet Montefiore (2005, p. 131) observa que

[o] poema, no entanto, não é apenas descritivo; é também uma fábula. Conta a história de Rebecca Random, uma idosa bêbada de dedos verdes que, nos anos do pós-guerra, vende com sucesso as flores do jardim de sua casa para financiar sua sede de gim. [...]. Em um nível, o poema reescreve o primeiro romance de Sylvia Townsend Warner, *Lolly Willowes* (1926), cuja heroína, Laura, uma tia solteirona intimidada por sua respeitável família, abandona todos eles para viver no campo e se tornar uma bruxa. Rebecca, considerada por seus vizinhos piedosos como um ‘demônio’ a ser repellido com um hino de Páscoa, encontra no gim o que Laura encontrou na magia: liberdade, intensidade de experiência e coragem para desafiar a Deus. E assim como

Laura reconhece sua libertação por Satanás 'o caçador amoroso', Rebecca é abençoada por uma divindade masculina transgressora e proscrita [...].¹⁰

Outro comentário crítico importante é que

Em *Opus 7*, então, Warner combina análises políticas da pobreza rural entre guerras com atitudes para com a natureza variando do místico ao satírico, mas acopla-os significativamente com um comentário modernista e autoconsciente sobre a produção artística, com a elaboração do conceito da luta da bruxa rural pela independência, auto expressão e poder social.¹¹ (JACOBS, 2006. p. 69-70).

Por meio da análise de alguns críticos e de leituras das obras de Warner é possível perceber que ela usa uma escrita voltada para o rural, e que existe uma relação principalmente na obra *Opus 7*, citada anteriormente, justamente pelo tema. Essa temática, como discutido em algumas citações, remete à liberdade, que é exatamente o que a mulher procurava no momento em que Warner fazia suas publicações. Ambas as personagens não eram bem vistas, mas enfrentaram a sociedade em geral e viveram suas vidas de forma livre.

Como comentado anteriormente, outra obra muito interessante da autora é seu livro de contos *Kingdoms of Elfin*, que “[...] mostra o domínio de Warner sobre a fantasia realista que relembra o sucesso de seu primeiro romance, o clássico de feitiçaria *Lolly Willows* (1926)”¹² (MACDONALD, 2019). Como em *Opus 7*, esse livro de contos também tem ligações com o sobrenatural, e

[u]ma característica muito óbvia de *Kingdoms of Elfin* é a consistente tentativa de Townsend Warner de construir um tipo de tipologia de fadas. Suas histórias se movem entre diferentes campos mágicos e encontramos vários

¹⁰ “The poem, however, is not only descriptive; it is also a fable. It tells the story of Rebecca Random, an elderly, green-fingered drunkard, who in the post-war years successfully sells the flowers in her cottage garden to finance her thirst for gin. [...] On one level, the poem rewrites Sylvia Townsend Warner’s first novel *Lolly Willows* (1926) whose heroine, Laura, a spinster aunt bullied by her respectable family, abandons them all to live in the country and become a witch. Rebecca, regarded by her pious neighbours as a ‘fiend’ to be warded off with an Easter hymn, finds in gin what Laura found in magic: freedom, intensity of experience, and the courage to defy God. And just as Laura acknowledges her liberation by Satan ‘the loving huntsman’, Rebecca is blessed by a transgressive, outlawed male deity [...]” (MONTEFIORE, 2005, p. 131).

¹¹ “In *Opus 7* then, Warner combines political analyzes of inter-war rural poverty with attitudes to nature varying from the mystical to the satirical, but significantly couples these with a Modernist self-conscious commentary on artistic production in with elaboration of the concept of the rural witch-woman’s struggle for independence, self-expression and social power” (JACOBS, 2006. p. 69-70).

¹² “[...] shows Warner’s mastery of realist fantasy that recalls the success of her first novel, the witchcraft classic *Lolly Willows* (1926)” (MACDONALD, 2019).

tipos diferentes de seres sobrenaturais, todos com sua própria cultura distinta.¹³ (SIMONS, 2006. p. 47).

Assim é possível perceber que Warner tem sua obra toda interligada por detalhes do sobrenatural, do gótico e do fantástico, sendo em poemas, contos ou narrativas. Sua escrita é direcionada ao realismo e, ao mesmo tempo ao fantástico, além de passar uma mensagem interpretativa para a sociedade. Warner é uma preciosa escritora e foi muito negligenciada ao longo dos anos, principalmente no Brasil, e isso pode ser comprovado pela indisponibilidade de sua obra em nosso país. Somente *Lolly Willowes* foi traduzido para o português, até o momento, limitando ainda mais o acesso a sua obra.

Além de não existir a tradução de quase toda sua obra, o acesso a elas na língua Inglesa é muito complicado. Alguns livros não apresentam disponibilidade para venda e encontrá-los em formato online (em Portable Document Format ou pdf, por exemplo), demanda certo tempo. Alguns de seus livros foram encontrados em uma biblioteca virtual internacional, a *Open Library*, que atua juntamente com *Internet Archive*, o qual disponibiliza um acervo enorme em formato de documentos online e por meio de empréstimos. Nesse sentido, seria interessante trazer a obra de Warner para a nossa contemporaneidade e estudá-la, lembrando da grande escritora que ativamente participou do processo de inserção da mulher no meio intelectual e acadêmico.

1.2 O ROMANCE: PONTOS SOBRE O FANTÁSTICO

Lolly Willowes foi publicado pela primeira vez em 1926, e seu primeiro título foi *The Loving Huntsman*. O romance tem sido considerado um dos clássicos feministas, sendo traduzido para o português, espanhol e francês. Seu enredo trata de Laura, uma jovem que perdeu seu pai e teve que morar com seu irmão casado, ocasião em que acabou se tornando a “titia” da família, uma governanta. Mas a protagonista cansa dessa vida e decide adentrar a floresta, indo em direção a uma

¹³ “One very obvious feature of *Kingdoms of Elfin* is Townsend Warner's consistent attempt to construct a kind of typology of fairies. Her stories move between different fairy lands and we encounter a number of different kinds of supernatural beings, all with their own distinctive culture” (SIMONS, 2006. p. 47).

pequena vila chamada Great Mop, onde começa sua vida sozinha. Após alguns dias vivendo em solidão, em situações inusitadas, ela faz um pacto com o diabo e se torna uma bruxa. A imagem da bruxa aqui é emblemática de todo o mistério que cerca as concepções que todos tinham da mulher da época e também se revela como uma crítica à condição de excluídas e acorrentadas em que as mulheres estavam vivendo.

O romance é dividido em três partes e, também, nessas partes são encontradas diferentes características da vida de Laura. A primeira parte do livro se detém brevemente na vida de Laura desde seu nascimento até sua juventude, e conta sobre o período em que Laura tem um relacionamento bem ligado a seu pai. Esta primeira parte também traz o momento em que seu pai falece, o que a deixa muito triste e sem ânimo. Com isso Laura vai viver com o irmão Henry e com sua cunhada Caroline, já que por ser mulher e jovem, não poderia viver sozinha. Na vida com a família do irmão, Laura se torna a tia Lolly, transformando-se na babá e na governanta da casa – responsável, tacitamente, pela casa e pelas crianças, cuidando de enfeites para o natal e de jantares com os familiares. Laura vive até seus quarenta e sete anos com o irmão e passa cerca de vinte anos nessa função.

No início da segunda parte, encontram-se relatos do fim da vida da “Tia Lolly”, pois, após voltar de uma viagem de férias, Laura analisa um pequeno guia turístico juntamente com um mapa. Isso provoca uma mudança de pensamento em Laura para querer uma vida sozinha, em contato com a natureza, em um pequeno vilarejo chamado Great Mop. Ao receber a notícia, Henry acha que é tudo uma anedota sem graça de Laura, mas ela permanece séria e com a afirmação firme sobre sua vontade de deixar o lar de seu irmão. Ao pedir sua parte da herança, Laura recebe a notícia de que ela foi mal investida e que lhe resta muito menos do que imagina. No entanto, isso não faz com que Laura desista de seu sonho, e o realiza pouco tempo depois, indo viver em parte de uma casa, que divide com a sra. Leak.

A terceira parte é o momento em que Laura entra mais em contato com a natureza e com seu instinto de bruxa. Nesse momento, Laura começa a interagir com alguns vizinhos e a saber um pouco da vida de cada um por meio das conversas da dona da casa, sra. Leak. Assim, inconscientemente, Laura faz alguns feitiços e simpatias e até mesmo usa seus poderes para seu benefício. Nessa parte, Laura se torna bruxa no momento em que um gato preto que aparece em sua casa a morde, deduzindo assim, que ela fez um pacto com o diabo. Após esse acontecimento, Laura vai a um sabá, onde não se diverte muito, mas em alguns momentos acha a dança

agradável. Também recebe a notícia de que seu sobrinho Titus decide se mudar para Great Mop, o que a deixa com muita raiva e tristeza, pois ela saiu de perto de todos para poder viver em paz. Laura gostava de seu sobrinho, mas ele atrapalha seu contato com a natureza e com sua vida de bruxa. No entanto, com algumas conversas traçadas na floresta, por meio de seus poderes, o diabo planeja uma série de acontecimentos e faz com que Titus vá embora casado, deixando novamente Laura em paz. Assim, o enredo de *Lolly Willowes* destaca alguns pontos, onde é possível perceber a presença do fantástico.

No que diz respeito ao fantástico, podemos entender que é um gênero presente em muitos textos literários, teatrais ou fílmicos e que apresenta características bem particulares:

A palavra alemã “Phantastich” evocava inicialmente as formas breves da fantasia e, na época romântica, trazia à lembrança tudo o que se referia ao domínio do imaginário, mas com a tradução da obra de Hoffmann, o adjetivo evolui em direção ao substantivo e passa a designar uma nova modalidade literária. (GLINOER, 2009, *apud* CAMARANI, 2014, p. 33).

Assim, o fantástico toma uma direção a partir da tradução da palavra do alemão para o francês. Camarani dá uma explicação do que é o fantástico, ou seja, quais suas principais características:

[F]antástico: este não se apresenta como fruto de mentes perturbadas, visionárias ou alucinadas, mas é oriundo do racional, do desenvolvimento da mente humana. Ao avançar em seu conhecimento do mundo, o ser humano observa que toda vez lhe escapa um elemento para que possa chegar a um conhecimento completo de seu ambiente e sente a presença de um conjunto de fenômenos que não pode reconhecer completamente. [...] o fantástico deve aparecer ligado à representação do real, pois é justamente o desequilíbrio ou a perturbação das leis reconhecidas que determina essa modalidade literária. Daí o real ser imprescindível para a compreensão do fantástico. (CAMARANI, 2014, p. 14-15).

A partir dessa definição da literatura fantástica, é possível destacar alguns momentos da narrativa *Lolly Willowes*, em que certas cenas possuem características fantásticas, como o momento em que Laura se torna uma bruxa e os encontros de Laura com o diabo ao final da narrativa.

O momento em que Laura se torna uma bruxa é colocado por Warner de forma bem rápida e criativa, ainda que a autora faça uso de algumas ideias do livro da Murray nesse trecho (como a ideia de um familiar (gato) e de alimentá-lo com sangue). Após

chegar em casa de um passeio, Laura percebe a presença de um pequeno gato preto em sua casa:

Mal chegara a tocar a cabecinha dura quando o bichano se enroscou em sua mão, silenciosamente arranhando e mordendo, ao mesmo tempo que a chutava com as patas traseiras. Laura ficou assustada com um ataque tão violento e irracional, e seu medo aumentou quando tentou se livrar daquele peso-pluma. Finalmente libertou a mão e a examinou. Estava coberta de arranhões que logo se avermelharam. Mais atenta, viu que de um deles brotava uma redonda gota de sangue vivo. [...] Ela, Laura Willowes, na Inglaterra, no ano de 1922, fizera um pacto com o Diabo. O pacto estava feito, confirmado e selado com o lacre rubro do seu sangue. (WARNER, 2013, p. 134-135).

Assim foi a transformação de Laura em bruxa. Após alguns pedidos desesperados para a natureza, o diabo ouve o clamor de Laura e lhe presenteia com a oportunidade de ser uma bruxa. Porém, essa situação é descrita de forma tão natural e rápida que deixa o leitor com a sensação de desconforto e suspense. Assim sendo, o fantástico sobrenatural aparece na cena, quando, uma situação normal – a mordida do gato em Laura – transforma-se em um pacto com o próprio diabo, selando-o com o sangue de uma brincadeira.

O primeiro contato de Laura com o diabo, acontece logo após o sabá, quando, ao final, Laura não se sente muito à vontade e decide voltar para casa, mas em seu caminho senta-se para ver o nascer do sol. Após algum tempo sentada, percebe a presença de um homem, parecido com um caçador, com quem conversou por um curto tempo. Laura, naquele momento, não percebe que ele era o diabo:

As árvores às suas costas murmuraram como se dispostas a consolá-la; Laura deixou-se embalar por suas vozes: “lembre-se, srta. Willowes... Lembre-se”, murmuravam as árvores balançando os ramos pesado. Laura lembrou-se e entendeu. Quando o homem saiu do mato, vestido como um guarda-caça e falando de forma tão calma e simples, ali estava Satã, renovando sua promessa e tranquilizando-a. Ele adotara tal forma a fim de não lhe causar medo. Ou seria para mostrar-lhe que não mais parecia um caçador, mas como guarda-caça, para aqueles que o serviam? Esse era o verdadeiro Satã [...]. (WARNER, 2013, p. 163-164).

Assim podemos ver que a situação é totalmente normal e “real”, a não ser pelo fato de Laura estar conversando com o Satã, um ser da imaginação religiosa, principalmente na crença do cristianismo. A conversa com Laura e a aparência do diabo amenizam o terror da cena, pois a imaginação que se tem do diabo é a de um ser de aparência horripilante e que não teria uma conversa calma e agradável com a protagonista.

Por causa do fantástico sobrenatural, fica bem clara a presença do gótico ao longo da narrativa. O gótico, por sua vez, uma característica literária principalmente, destaca-se pela presença de itens obscuros (casas antigas, florestas funestas, animais agourentos, entre outros), cores que remetem a algo sombrio, além de algumas criaturas sobrenaturais como bruxas, vampiros, monstros, fantasmas, entre outras:

[O] gênero gótico oferece oposição aos parâmetros de razão e racionalidade característicos do século das luzes e, ao produzir uma literatura em que o estranho (seja através de monstros, vampiros, fantasmas) se faz presente, contribui para questionar “as certezas do progresso humano [...]”. (PUNTER; BYRON *apud* AZERÊDO, 2012, p. 80-81).

Em *Lolly Willowes* essa presença de obscuridade é uma das principais características do romance, com a presença de bruxas, das florestas e da solidão desejada por Laura. Além disto, existem momentos únicos de representação do gótico que aparecem em algumas situações no enredo. A lareira em frente da qual Laura passa um certo tempo apresenta-se obscura, por induzi-la a ter viagens mentais relacionadas ao outono:

Mas, enquanto o corpo se sentava em frente à lareira nos primeiros dias frios, ao lado de Henry e Caroline, a mente vagava por uma praia solitária, por pântanos e brejos, ou se perdia, ao cair da noite, à beira de um bosque. Ela jamais se imaginava nesses lugares à luz do dia. Jamais pensava neles como sendo, de alguma forma, bonitos. Não era, em absoluto, a beleza que Laura almejava, ou, se assim fosse, embora deprimida, ela teria comprado um bilhete para embarcar em um trem com destino a um ou outro local onde apreciar o repousante encanto outonal no campo. Mentalmente, Laura buscava algo que escapava à sua experiência, um quê sombrio e ameaçador, mas, ainda assim, de certa forma sedutor, um quê que espreitava em recantos desertos, cuja existência era sugerida apenas pelo som de água borbulhando e fluindo em canais profundos e pelos gorjeios dos pássaros agourentos. Solidão, desolação, disposição para despertar uma sensação de medo, uma espécie de santificação sacrílega – eis as coisas que desviavam seus pensamentos do conforto cálido da lareira. (WARNER, 2013, p. 65).

É possível perceber claramente o que a lareira estimulava em Laura – seu desejo de sair de onde estava, mas seus lugares pensados são descritos e caracterizados pela solidão, além de que a descrição que Laura faz dos lugares, é remetida ao gótico de forma muito perceptível, pois descreve lugares solitários, ou úmidos como os pântanos, bosques, emoldurada pelo período da noite, quando está sentada em frente da lareira. Todas essas descrições apresentam um leve toque de medo, que é o característico do gótico.

A lareira tem um significado especial e contraditório, pois seu papel é, além de aquecer, iluminar o local, que é totalmente obscuro, pela descrição de Laura. Ainda assim, também remete a um lugar frio, pois se em uma casa tem lareira, significa que ali, portanto, é um lugar frio. E sem esquecer que a lareira remete ao fogo, símbolo da coragem e foi exatamente o que Laura fez, tirou coragem de dentro de si para poder sair da casa de seu irmão e viver sozinha, o que é difícil sendo uma mulher e solteira.

Outro momento que merece destaque é a descrição da casa em que Laura fica hospedada em Great Mop:

A sala tinha como mobília uma grande mesa de mogno, quatro cadeiras e um sofá de crina, uma poltrona e um aparador, bastante ordinário em comparação ao restante dos móveis. Das paredes, pintadas de verde, pendiam uma gravura da imperatriz Josefina e duas paisagens clássicas um bocado sombrias estampando templos em ruínas e vulcões. De cada lado da lareira havia prateleiras, e a lareira em si era do tipo que se vê em casas de campo, com grelhas e um pequeno fogareiro ao lado. (WARNER, 2013, p. 89).

Portanto, além da descrição sombria da casa em que ficara, o lugar em que escolheu para ficar, Great Mop, era muito sombrio, frio, úmido e com muito vento. Isso acaba fazendo com que o leitor perceba imediatamente a obscuridade e o gótico presente na narrativa. Toda essa descrição, também se relaciona com o dia a dia de uma bruxa, junto a uma floresta, tendo contato direto com os elementos descritos no romance. Os elementos góticos acentuam as diferenças entre os elementos pagãos e os cristãos, em *Lolly Willowes*, os quais podem ser verificados no capítulo seguinte.

2 BRUXARIA, CRISTIANISMO E SUAS REPRESENTAÇÕES EM *LOLLY WILLOWES*

A história das mulheres e de como elas têm construído seu gênero é arrebatadora, apesar de perturbadora e hostil. Durante muito tempo, as mulheres deveriam ser virgens incorruptas, satisfazendo as instituições patriarcais à sua volta. Ao falar dos vários papéis da mulher no mundo ocidental do século passado, Michelle Perrot analisa o exemplo feminino a ser seguido, dizendo, em *Minha História das Mulheres* que “[a] virgindade [seria] um valor supremo para mulheres e principalmente para as moças. A Virgem Maria, em oposição a Maria Madalena, é seu modelo e protetora” (2007, p. 64). Em contrapartida, a estudiosa comenta que havia também as feiticeiras que são o oposto completo das mocinhas angelicais:

Enfim, elas têm contato com o diabo. O diabo cuja existência foi estabelecida e cuja teologia foi desenvolvida pelo Concílio de Latrão. A feiticeira é filha e irmã do diabo. Ela é o diabo, seu olhar mata: ela tem mau-olhado. Tem pretensão ao saber. Desafia todos os poderes: o dos sacerdotes, dos soberanos, dos homens, da razão. (PERROT, 2007, p. 90).

No entanto, uma mulher certamente é, em nossa contemporaneidade, a combinação das duas qualidades. Às vezes é forçada socialmente a atuar com a virginal pureza do aparato cristão e muitas vezes é a bruxa que degrada e subverte o poder patriarcal. No entanto, nem sempre foi assim. As mulheres demoraram muito tempo para conseguirem direitos na sociedade e para terem voz ativas como sujeitos. O romance de Warner é precursor dessa última onda feminista que conhecemos atualmente.

Em *Lolly Willowes* conhecemos Lolly que, entendendo sua condição de prisioneira advinda da cultura patriarcal também instituída pela igreja, acaba por se libertar e fugir ao encontro de sua feiticeira interior, bem longe do lar postigo, regulado por seu irmão. Neste sentido, este capítulo trata das ideias e da história destas duas mulheres, a cristã e a bruxa, que residem dentro da protagonista do romance de Warner, a fim de identificar como que, contextualmente, a mulher era interpretada pela autora no início do século XX.

2.1 CRISTIANISMO E SUA PRESENÇA EM *LOLLY WILLOWES*

“Vocês, que são de uma geração mais jovem e mais feliz, talvez não tenham ouvido falar dela – talvez não saibam o que quero dizer com o ‘Anjo do Lar’. Vou tentar resumir. [...] [E]la era pura. Sua pureza era tida como sua maior beleza – enrubescer era seu grande encanto”

Virginia Woolf¹⁴

O cristianismo é uma das mais conhecidas e maiores religiões em todo mundo, e está presente em várias situações do nosso cotidiano; um exemplo é o nosso calendário que tem o nascimento de Jesus Cristo, o Deus do cristianismo, como o seu marco inicial. O cristianismo se expande por todo o mundo, mas especialmente na Europa e, por meio dela o cristianismo foi implantado no Brasil pelos Jesuítas. Assim como na bruxaria, o cristianismo também é dividido em algumas ramificações em que, geralmente, o Deus permanece o mesmo, somente são acrescentados ou subtraídos alguns santos, mas o cristianismo em geral é monoteísta. A base do cristianismo é seguir os ensinamentos de Jesus, visto que ele viveu na Terra semelhante ao homem, e morreu pelos humanos para que um dia seus “irmãos” pudessem ter a salvação.

A Bíblia é o principal instrumento do cristianismo, uma vez que nela se encontram todos os mandamentos e qual é o papel dos seguidores de Jesus aqui na terra. Ela foi escrita por vários homens que se tornaram apóstolos de Jesus, os quais diziam ter recebido mensagens de Deus sobre o que escrever. No Antigo Testamento se encontram a história da criação do mundo, histórias de homens que venceram doenças ou que foram curados por Deus e pela sua fé e histórias de homens que passaram por lutas em nome de Deus. E a partir do Novo Testamento, encontram-se a história completa do nascimento de Jesus até sua morte e a história de como se continuaram as vidas dos apóstolos sem Jesus na Terra. Por último existe o livro do apocalipse, que prevê a história do Juízo Final (o fim do mundo).

Em algumas vertentes do cristianismo há a crença da existência da vida após a morte. Se os fiéis não obedecerem a seu ser supremo e às regras por ele

¹⁴ WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros ensaios*. p. 34.

apresentadas, serão condenados ao inferno, onde passarão a eternidade em constante agonia e sofrimento nas mãos do diabo. E aos que obedecem às regras, seguindo os mandamentos, respeitando o próximo entre outros papéis, a eles estão destinados o paraíso e a vida eterna, em um lugar onde não há tristeza, somente o descanso eterno.

O papel da mulher no cristianismo, no entanto, desde o início da Bíblia, é o de ser submissa, seja na criação, que se encontra no livro de Gênesis, ou no restante de seus livros. Essa submissão existe apenas pelo fato de que quem escreveu a Bíblia foram homens, visto que, em vários de seus capítulos, a mulher é tratada por Jesus de forma igualitária. “Portanto, uma leitura bíblica a partir da ótica do gênero tem procurado mostrar a participação das mulheres no discipulado de iguais e sua importante atuação nas primeiras comunidades cristãs” (TEIXEIRA, 2010, p. 59). Por meio disso, vem sendo feito um estudo de que as mulheres tiveram sim uma participação no cristianismo.

Não somente pelo fato de ter sido homens que escreveram a Bíblia, mas também deve-se levar em consideração a época em que o cristianismo teve seu instrumento religioso escrito. Como se sabe, a maioria das culturas do mundo eram e ainda são patriarcais, e em apenas algumas culturas o sistema é o oposto. Pierre Bourdieu (2012, p. 46) explica, em *Dominação Masculina*, que se trata de “um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução”, ou seja, durante muito tempo esse poder masculino projetou como a construção de gênero deveria ser. Foram longas e constantes recriações de estruturas objetivas e subjetivas de dominação, “para [a] qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como a violência física e a violência simbólica) e instituições, famílias, Igreja, Escola, Estado” (BOURDIEUR, 2012, p. 46).

Nessa situação, a Bíblia foi escrita em culturas em que a mulher sempre foi direcionada à procriação e aos cuidados da casa, eram tratadas como mercadoria, alguns homens pagavam aos pais para ter a filha como esposa (objeto próprio ou patrimônio):

Ora, numa sociedade eminentemente patriarcal, as leis e interditos vão considerar os homens senhores do mundo e suas mulheres, simples acessórios para satisfazer os homens, dar-lhes descendência, administrar ou cuidar dos afazeres domésticos e educar os filhos na obediência às leis. (LIMA, 2010, p. 3-4).

Além da sociedade gerar essa submissão da mulher, o Deus do cristianismo é relacionado ao gênero masculino, isso já basta para que a mulher esteja distanciada das oportunidades de ser uma pessoa ativa na sociedade:

Ora, associar a figura de Deus ao masculino significou um distanciamento da mulher do divino. Qualquer mulher só pode se identificar com o Deus-Pai hebraico através da negação de sua própria identidade. Ser mulher passou a significar estar mais propensa ao mal, mais suscetível às ciladas do demônio. (LIMA, 2010, p. 3).

A mulher é destinada a sofrer juntamente com o homem, pois foi ela quem comeu o fruto da árvore do bem e do mal, tornando, assim, tudo mais difícil para os seres humanos. Após comer o fruto proibido, na passagem bíblica de Gênesis, Deus condena a mulher e o homem a um mundo em que teriam que sofrer para que pudessem continuar vivendo:

E à mulher disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para teu marido, e ele te governará. E a Adão disse: Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses, maldita é a terra por tua causa; e fadigas obterás dela o sustento durante dias de tua vida. (GÊNESIS, 3:16-17).

A sociedade por meio desses versículos julga a mulher pelo fato dela ter sido a protagonista que entrou em contato com a serpente, relacionada ao mal, e isso faz com que ela tenha uma ligação especial com o mal, capaz de fazer pactos com os demônios e lançar maldições nas pessoas. É a partir desse ponto de vista que surge a visão da mulher como bruxa, trazendo para a história a Inquisição:

A capacidade das mulheres de prepararem poções e ervas passou a ser associada à sua capacidade de associar-se ao mal. Diante da figura da mulher, que o imaginário cristão considerava maléfica, foi relativamente fácil estabelecer a caça às bruxas e, neste sentido, ao sexo feminino. (LIMA, 2010, p. 5).

A voz da mulher nunca foi ouvida pelo contexto da Bíblia, mas, por meio da leitura de alguns de seus trechos, Jesus sempre conversou, curou e tratou todas as mulheres com igualdade, nunca desprezando nem mesmo as prostitutas, e muito pelo contrário, salvou uma prostituta de ser apedrejada por homens que a encontraram no ato sexual com outro homem.

Essas são apenas algumas das situações em que a mulher é reprimida. Apesar de Jesus ter tratado as mulheres com igualdade, ter conversado com elas –

ainda que não fosse de bom grado perante a sociedade um homem manter diálogos com mulheres – há na Bíblia leis, pelas quais as mulheres são drasticamente menosprezadas por conta de sua natureza. Um exemplo que pode ser citado se encontra no livro de Levítico: “A mulher, quando tiver o fluxo de sangue, se este for o fluxo costumado do seu corpo, estará sete dias na sua menstruação, e qualquer que a tocar será imundo até a tarde” (LEVÍTICO, 15:19).

Além de ela ser imunda por algo que é natural de seu corpo, toda a pessoa que tocar nela, em algo que ela tocou, em suas roupas, sentar-se na cama que ela deitou ou se um homem habita com ela no mesmo lar, tudo isso fará com que qualquer pessoa seja imunda e terá de passar por um banho de purificação. No fim de sua menstruação a mulher terá de levar dois pássaros para o sacerdote para que possa ser feito um ritual de perdão pelo fato da mulher ter menstruado (LEVÍTICO, 15:1-33). Nesse mesmo livro da Bíblia, também é encontrada a *Imundícia do homem*, que se dá pela ejaculação precoce, mas, ao contrário da mulher, um banho já o deixa puro novamente, e ele não precisa levar pássaros para sacrifício ao sacerdote, como a mulher precisa.

A menstruação ainda é um tabu ao ser tratada nos dias de hoje, mas com todos os movimentos feministas e mulheres desenvolvidas, esse tema vem se tornando algo muito comum, pois é exatamente o que a menstruação é, algo totalmente natural e pode até mesmo ser considerado sagrado. A menstruação pode ser relacionada ao sagrado, pois é por meio dela que a mulher tem um *feedback* de que seu corpo está apto para gerar uma vida, além de demonstrar que não há nenhum problema com o útero. Para alguns grupos de mulheres, principalmente bruxas, a menstruação está ligada com os ciclos da lua de diversas maneiras e algumas ainda “plantam a sua lua”, método de conexão com a terra, ao qual a mulher tem de enterrar todo o sangue de sua menstruação no final do ciclo.

Diferente da bruxaria, em sua vertente geral, que é um ofício/arte ou até mesmo uma maneira de viver, o cristianismo é uma religião, que em sua maioria tem seu Deus e suas diretrizes às quais os fiéis devem seguir, assim como o que está escrito na Bíblia. Para melhor compreensão, de acordo com o site *Michaelis on-line*, uma das acepções para “religião” é uma “[c]onvicção da existência de um ser superior ou de forças sobrenaturais que controlam o destino do indivíduo, da natureza e da humanidade, a quem se deve obediência e submissão” (MICHAELIS, 2019).

Nos dias de hoje, o cristianismo ainda está presente, mas de forma bem mais dispersa e com menos poder do que nos séculos passados. Ainda há pessoas que vão para suas igrejas para fazer seus cultos de adoração, mas o cristianismo foi se dispersando com a chegada da modernização tecnológica. Segundo Carlos Palácio (1994, p. 312), “[a] sociedade moderna não é mais cristã. Ou pelo menos tão cristã como poderíamos imaginar depois de tantos séculos de convivência”.

Um item interessante de se analisar diz respeito aos dois papéis de Laura no romance. Na primeira parte ela é uma mulher que obedece às ordens masculinas, e após sua transformação em bruxa ela tem toda a liberdade de escolha e não precisa viver sobre ordens e muito menos ser submissa por motivo algum. Valéria Fabrizi Pires em seu livro *Lilith e Eva: Imagens arquetípicas da mulher na atualidade* (2008), faz menção a esses dois tipos de mulheres, referindo-se a Lilith e a Eva:

Na tradição cabalística, segundo Chevalier (1990), Lilith é o nome da mulher criada antes de Eva, ao mesmo tempo que Adão – não de uma costela do homem, mas diretamente da terra, do mesmo pó que ele. Por esse motivo, reivindicou igualdade, não se admitiu inferior e submissa e disse a Adão: “Somos iguais”. A partir daí, os dois sempre discutiam. Por recusar-se a ser submissa, Lilith foi relegada à convivência com os demônios. (PIRES, 2008, p. 37-38).

Aqui é possível comparar Laura com Lilith, a partir do momento em que ela cansa de ser submissa ao irmão e à sociedade. Assim ela se torna uma mulher livre e que não aceita mais ser submissa. Já a descrição de Eva pode ser comparada aos primeiros momentos de Laura no romance: “Eva é considerada a primeira mulher, a primeira esposa, a mãe de todos os que vivem. Nasceu da costela de Adão e por isso é inferior a ele” (PIRES, 2008, p. 51). Como se sabe, por meio do cristianismo, a mulher é inferior ao homem, assim comparamos a primeira faceta de Laura com Eva por meio da inferioridade que ela mantém para com seu irmão.

Como *Lolly Willowes* é um romance que parece procurar subverter a ordem patriarcal, acaba por não acentuar muitos fatos e itens que se relacionam com o cristianismo, tanto quanto com a bruxaria. Porém, este é um assunto que, subliminarmente, encontra-se por toda parte. A presença direta do cristianismo no livro é breve e singela, mas tem contraste e ligação com a bruxaria e com o papel feminino, pois, como discutido anteriormente, essa é uma crença conhecida no mundo inteiro, e que tem alguns pontos de destaque em *Lolly Willowes*.

O leitor fica sabendo que os ancestrais da família Willows vêm trazendo, de forma natural, como tradição, a presença do cristianismo. A tia-bisavó de Laura é um belo exemplo, pois ela criou um livro de orações que foi usado por pessoas de importância: “E o livro de orações da tia-bisavó Salomé, com as missas para o rei Carlos, o Mártir, e pela Restauração da Família Real e a prosperidade da Casa de Hanover” faz com que essa tia fosse “[...] uma súdita leal, uma fiel cristã praticante e uma boa dona de casa” (WARNER, 2013, p. 12). O livro de orações da tia-bisavó Salomé significava religião para Laura. Ele foi importante, pois o rei Jorge III o apreciava, deixando assim a família Willows famosa, e ainda passando o livro de geração para geração. No contexto do romance, esse é um dos relatos mais exatos da presença do cristianismo na família Willows.

Laura em sua juventude não ia à igreja. Contudo, após a morte de seu pai, ela começa a frequentar a igreja pela influência e pedido de sua cunhada Caroline:

Nas manhãs de domingo, [...] a família partia para a igreja onde receberia corda para o restante da semana, mais ou menos da mesma maneira. Todos compareciam também ao culto vespertino, mas este era menos austero. [...] Caroline era uma mulher religiosa. Resoluta, organizada e sem um átimo de romantismo, daria uma admirável madre superiora. (WARNER, 2013, p. 44).

Ao contrário de Caroline, Laura não era religiosa, mas

[f]requentava com Caroline o culto matinal sempre que sentia ser esse o desejo da cunhada e os cultos matutinos e vespertinos todo domingo; ajoelhava-se a seu lado e a ouvia rezar em um tom discreto e sereno que era a versão adocicada daquele usado nas ordens cotidianas e tão conhecido dela. (WARNER, 2013, p. 46).

Como Laura morava com seu irmão e cunhada, ela se sentia induzida a ir para a igreja com Caroline, pelo fato de ser sua cunhada e ter permitido que ela ficasse com eles em sua casa. O fato de Laura não frequentar muito a igreja, não necessariamente representa que ela não gostasse de estar lá, ela apenas se sentia entediada e tinha vontade de conhecer novas formas de cultos de outras igrejas, e ter conhecimento das diferenças e apreciações em comum entre elas: “Comunicou tal desejo a Caroline, e Caroline, de forma bastante inesperada mostrou-se inclinada a defender sua causa. Henry, porém, banuiu o projeto. Não ficaria bem para Laura frequentar outro local de culto que não o da família, objetou” (WARNER, 2013, p. 46).

A atitude de Henry mostra a autoridade maior dentro da casa, como diz na Bíblia em Efésios: “As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao

Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo” (EFÉSIOS, 5:22-23). Assim, após ouvir de seu irmão que não seria uma boa ideia ela visitar novas igrejas, ela simplesmente aceita essa condição. Essa submissão não é somente imposta pela Bíblia, mas sim tem muita influência social, assim como destacada por Bourdieu (2012, p. 101), quando aponta que a ordem patriarcal tem sido sucessivamente reproduzida por meio

de mecanismos estruturais (como os que asseguram a reprodução da divisão sexual do trabalho) e de estratégias que, por meio das instituições e dos agentes singulares, perpetuaram, no curso de uma história bastante longa, e por vezes à custa de mudanças reais ou aparentes, a estrutura das relações de dominação entre os sexos.

Entre essas instituições, encontramos a igreja, que implicitamente é criticada por Warner. Em *Lolly Willowes*, percebemos que Laura precisava de coisas novas em sua vida, pois acabara de perder o pai e uma nova rotina religiosa seria uma interessante maneira de distraí-la, além de uma oportunidade para adquirir novos conhecimentos, pois suas idas a igreja de sempre, estavam-na deixando entediada. Foi assim que se desencadearam uma série de situações que levam Laura a repensar sua vida e a tomar a decisão de se afastar do conforto do lar de seu irmão.

Após certo tempo vivendo em Great Mop, Laura recebe a visita de Caroline e faz planos de atividades para o dia todo, e uma das ideias era mostrar a igreja que a vila tinha, pois Laura sabe do interesse que Caroline tem a respeito de igrejas. Laura ainda não havia entrado na igreja até esse momento: “Visitaram a igreja em vez disso. Essa visita foi mais bem-sucedida. Caroline caiu de joelhos e rezou, o que deu a Laura a oportunidade de olhar à volta, pois ainda não entrara na igreja até então” (WARNER, 2013, p. 111-112). A autora enfatiza a falta de ligação que a protagonista tem com a igreja. A atitude de Laura demonstra seu desinteresse com a cristandade e que esse estilo de vida não lhe agrada. Ela não quer ser a mulher que tem a obrigação de ir todos os domingos à igreja para rezar, de precisar se casar para poder ser bem vista e nem ser submissa. Laura gosta de sua liberdade e de não se preocupar com nada que esteja fazendo que talvez desagrade a um ser supremo.

Essas são algumas pequenas referências do cristianismo que se fazem presentes nas lembranças e no cotidiano de Laura. São detalhes simples, mas, sem eles, o contraste com elementos de bruxaria não poderia ser encontrado. Sabemos

que a igreja representa um grande espaço da ordem masculina e Laura precisa desatar suas amarras rompendo e subvertendo os valores por ela marcados.

O “Anjo da Casa”, sobre o qual Virginia Woolf fala para a sua audiência em sua palestra de 1931, cujo excerto compõe a epígrafe deste tópico, é uma representação simbólica da aniquilação das mulheres e da contínua brutalidade dos homens. Durante seu discurso ela fala que para exercer aquela profissão, a de escritora, ela precisa matar esse anjo que faz parte do imaginário masculino e que está tão enraizado em si própria, para que ela possa ter voz. Esse anjo mantém a mulher aprisionada em sua vida, mantendo-a como refém contra sua própria vontade e negando o livre-arbítrio a que ela tem direito, o livre-arbítrio que está sendo tirado dela, o livre-arbítrio que é silenciado pela força. O anjo na casa foi feito para destruir a ambição e o individualismo da mulher. O anjo sussurra: nunca deixe ninguém adivinhar que você tem uma mente própria. Se não tivessem forças para se transformarem em bruxas, as mulheres sentariam e negariam o profissionalismo dentro delas. Deixariam os homens pensarem por elas, deixariam seus sonhos considerados tolos pela sociedade e arranjarium um marido. Na cultura patriarcal de séculos, a morte do anjo é a tomada de consciência da lavagem cerebral e da manipulação que entra em seu cérebro.

2.2 SUBVERTENDO A ORDEM – ASPECTOS DA BRUXARIA EM *LOLLY WILLOWES*

“O primeiro dever da escritora é matar o anjo do lar”

Virginia Woolf¹⁵

A bruxaria é conhecida no mundo inteiro, talvez de formas diferentes, seja pelos contos de fadas ou pela tão conhecida Inquisição. A bruxaria hoje é considerada por muitos, uma religião, mas geralmente tem sido observada como um método ou uma filosofia de vida para se ligar e fazer uso das energias que a natureza e o universo disponibilizam. Muitas pessoas ainda conservam em mente a ideia de uma mulher má, com verrugas, que faz feitiços para amaldiçoar pessoas, e que frequentemente

¹⁵ WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros ensaios*. p. 34.

voa em uma vassoura, que faz pacto com o diabo e mantém contato com ele. Segundo Stuart Clark (2006, p. 557), “[a] bruxa era vista, primeiro e sobretudo, como alguém com o poder e a vontade maligna de causar danos reais a suas vítimas”.

As primícias da bruxaria são bem imprecisas, uma vez que não tem um início determinado. Várias são as histórias de possíveis inícios do aparecimento de casos que explicitam o uso da magia:

Em época de urbanização, a ausência da religiosidade no meio rural traz a feiticeira ao cenário, para reinar nos “tempos do desespero”, de que fala Jules Michelet. Ao acumular misérias e sofrer, a mulher do servo é a primeira a revoltar-se. É ela quem vai colher plantas medicinais, comunicar sua energia aos fracos, ordenar as grandes comunhões sabáticas, oferecendo compensação ao desespero coletivo. Ao mesmo tempo em que se recorre aos seus serviços, ela é apontada pela igreja como estrangeira, marginal, feiticeira, fatores determinantes para que a feiticeira jamais obtenha o *status* ou o reconhecimento entre as ações revolucionárias da história, destinando-se à clandestinidade. (HANCIAU, 2004, p. 22).

Essa é uma das possibilidades de início da bruxaria na história, quando a mulher é protagonista e, em meio ao caos, ela vai à procura de ajuda na natureza. Daí a ligação da bruxa com a natureza – é a partir dela que a bruxa consegue ingredientes para suas magias. Ela faz uso das energias encontradas nas árvores, plantas, folhas e toda a energia disponibilizada pelos elementos Terra, Ar, Fogo e Água.

Outra versão é contada no livro *História Noturna*, de Carlo Ginzburg, que diz por meio de relatos de homens e mulheres que foram torturados, que o início da bruxaria advém “[d]e um segmento social relativamente circunscrito (os leprosos) passa-se a um grupo mais amplo, mesmo que delimitado ética e religiosamente (os judeus), até desembocar numa seita potencialmente sem limites (feiticeiros e bruxas)” (2012, p. 91). Assim Ginzburg relaciona, ainda dentro dos relatos, os grupos citados como o mal, pois viviam às margens da sociedade e eram esquecidos. Por esse motivo, essas pessoas eram constantemente relacionadas a atividades de conspiração com o diabo. Quando eram tomados para julgamento, seus corpos e vestes eram averiguados, “a prova física do pacto estipulado com o diabo: o estigma que leprosos e judeus levavam costurado nas roupas” (GINZBURG, 2012, p. 91).

Outro relato que se encontra no livro *Feitiçaria, a Tradição Renovada*, de Evan John Jones e Doreen Valiente, é que a bruxaria, também chamada de Arte por alguns seguidores e escritores, teve seu início com os deuses:

Um dos mitos preferidos relacionado às origens da Arte é a história de Aradia, filha de Diana, filha da Deusa com o Seu irmão Lúcifer. Diana, vendo o sofrimento dos pobres e dos fracos, instruiu Aradia na Arte e a enviou à Terra para formar e ensinar nas reuniões secretas das feiticeiras. Assim fez Aradia, e, entre os segredos que ela passou para seus seguidores, estavam aqueles dos venenos, da formação das tempestades (encargo que se destacaria, mais tarde, nos julgamentos da feiticeira) e de como amaldiçoar aqueles que se recusavam a ajudar seus companheiros. (JONES; VALIENTE, 1992, p. 55).

Antes de Aradia voltar para casa, ela ensinou os seguidores que na noite de lua cheia eles deveriam adorar a Deusa Diana, com danças, banquetes e música. Adorá-la como a uma rainha (JONES; VALIENTE, 1992). Esse tipo de adoração é chamado Esbat, em que as bruxas participam. As características gerais dos Esbats são as de serem celebrados na lua cheia e de adorarem à deusa mãe.

Também existem os sabás que são celebrados em uma roda do ano. A cada virada de estação existe um dia festivo para as bruxas. No total, as bruxas cultuam oito sabás:

Os sabás das feiticeiras são oito, a saber:

IMBOLG, 2 de fevereiro (também chamado de Candelária, Oimelc e Imbolc).

EQUINÓCIO DA PRIMAVERA, 21 de março (Alban Eilir).

BEALTAINE, 30 de abril (Beltane, Véspera de Maio, Noite de Walpurgis, Cyntefun, Roodmass).

MEIO DO VERÃO, 22 de junho (Solstício de Verão, Alban Hefin, por vezes também é chamado de Beltane).

LUGHNASADH, 31 de julho (Véspera de Agosto, Lammas Eve, Véspera do dia da Anunciação).

EQUINÓCIO DO OUTONO, 21 de setembro (Alban Elfed).

SAMHAIN, 31 de outubro (Hellowe'em, Véspera do Dia de Todos os Santos, Calan Gaeaf)

NATAL, 22 de dezembro (Solstício de Inverno, Alban Arthan). (FARRAR; FARRAR, 1999, p. 13).

Esses são os sabás que algumas bruxas seguem e que, principalmente na bruxaria natural, as bruxas têm a opção de celebrar ao seguir a roda do ano. Os sabás citados são da roda do ano no hemisfério norte, ou seja, suas datas estão de acordo com as estações e comemorações do Norte do planeta. Essa roda do ano do Norte é a verdadeira a ser seguida, mas as bruxas que vivem no Sul podem adaptá-lo ao hemisfério sul e a suas estações e comemorações. Assim como também as datas de ambos podem variar de acordo com a astrologia.

Na *Internet* são encontrados outros relatos de que a bruxaria surgiu na era primitiva em que os primeiros homens faziam desenhos de suas presas nas paredes de cavernas para que isso lhes auxiliasse a capturarem suas presas. Outras teorias

apontam o surgimento da bruxaria na mitologia citando nomes de deusas e filhas de deusas que faziam uso da magia presente na natureza, como citado nos parágrafos anteriores.

Como protagonista da bruxaria temos a bruxa que, de acordo com o livro *Guia Essencial da Bruxa Solitária*, de Scott Cunningham (2001, p. 222), tem o seguinte significado:

Bruxa: antigamente, um praticante europeu dos remanescentes da magia popular pré-cristã, especialmente a associada a ervas, cura, fontes, rios e pedras. Um praticante de *Bruxaria*. Depois, o significado deste termo foi deliberadamente alterado para designar seres dementes, perigosos, sobrenaturais que praticavam magia destrutiva e ameaçavam o cristianismo. Esta foi uma mudança política, monetária e sexista por parte da religião organizada, e não uma alteração na prática das bruxas.

A magia, que é a principal superstição da bruxaria, fez parte de diversas crenças presentes na Europa em geral e, também, em seu folclore. Portanto a bruxaria e a magia já estavam presentes de diversas maneiras na sociedade europeia. A magia está presente nas atividades da bruxa, em seu interior, e principalmente na natureza, que a bruxa respeita e adora. A bruxa tem o dever de conhecer tanto as propriedades mágicas como as propriedades medicinais das ervas. Os cristais também são ferramentas muito poderosas e as bruxas também devem conhecê-los, pois sua energia é bem poderosa e ela varia dependendo do tipo do cristal.

A bruxa também conhece todo o período de luação, que são determinados com significados próprios. Além da luação, também os dias da semana são cheios de energia própria e regidos pelos planetas do nosso sistema solar. Portanto, quando uma bruxa decide fazer um feitiço, ela tem de analisar todos os itens acima para não cometer possíveis erros no encanto.

Assim a bruxa transformou-se em um ser perigoso para o cristianismo, pois tinha mais liberdade de expressão e nos sentidos gerais da sociedade, geralmente eram mulheres solteiras ou viúvas sem a presença de um homem para poder guiá-las e tomar decisões por elas. Isso assustou a igreja, visto que a mulher dentro do cristianismo não tinha voz:

Ser bruxa dá à mulher direitos que a [mulher] 'comum' não pode assumir na sociedade [...] quando a bruxa profere maldições em línguas estranhas está subvertendo todo o patriarcado do silêncio, já que o acesso à fala (voz; discurso) define o poder, tornando-as sujeitos. (PARADISO, 2011, p.196).

Além de ser essa mulher com poder de discurso e atitudes próprias, a bruxaria trouxe uma forma diferente de crença, que o cristianismo logicamente não aceitava e repugnava. Porém, além desses motivos um dos principais causadores desse conflito foi a separação dos termos religião e magia que a igreja fez:

Nessa projeção planetária, o pensamento ocidental cristão produziu sistematicamente uma distinção radical entre religião (as crenças que nós temos em um deus único) e magia (as superstições que outros povos, ou populações rurais europeias têm em torno da divindade das forças da natureza). (MONTERO, 2010, p.127).

A partir disso, os inquisidores criaram a imagem da bruxa, sendo ela uma mulher que fazia mal para a sociedade, que era capaz de proferir maldições e causar a morte de quem cruza-se seu caminho, demonizando assim a mulher, até mesmo partindo das colocações bíblicas como a maldição de Eva. Surge, assim, a famosa Inquisição e, como é discutido por Hanciau (2004, p. 62), “[é] impossível tratar a feitiçaria separadamente da Inquisição [...]”. Essa é umas das principais ligações entre a bruxaria e o cristianismo, não sendo nenhum pouco amistosa.

A Inquisição aconteceu entre os séculos XII e XIX desde suas primeiras manifestações até seu fim, tendo períodos de elevação em suas ações. Período muito longo e trágico que marcou a história da humanidade. A Inquisição aconteceu em vários países, mas para essa pesquisa, deu-se ênfase ao continente Europeu. Esse período ficou marcado pela atitude de desconsiderar e aniquilar uma posição religiosa diferente daquela da Igreja Católica, além do medo que a igreja tinha de perder seu poder e da falta da submissão da mulher.

Mulheres que tivessem conhecimento de ervas medicinais e, às vezes, somente pelo fato de não terem um homem como seu senhor ou de profanar heresias eram consideradas bruxas, até mesmo por meio de denúncias falsas. As bruxas eram executadas e punidas, no último caso, até os inquisidores conseguirem uma resposta agradável aos seus ouvidos, assim abusando das penalidades de quem se desviasse das diretrizes cristãs.

Durante essa época foi escrito por dois inquisidores alemães Henrich Kramer e James Sprenger, o livro *Malleus Maleficarum – O Martelo das Feiticeiras*, que descreve como caçar e identificar bruxas e demônios para fazer seu julgamento e expulsão. O livro dá ênfase à situação da mulher, uma vez que somente elas poderiam ser bruxas – os homens eram apenas possuídos por demônios pelo fato das mulheres

lançarem feitiços sobre eles. A visão da mulher no livro, seria a de um ser que tem o poder de persuadir e corromper os homens, demonizando assim a imagem da mulher.

Os inquisidores faziam seu papel da seguinte maneira: marcavam um momento de confissão com todos os seguidores do cristianismo. Nesse momento os fiéis deveriam contar aos responsáveis sobre ocorrências que achassem suspeitas – talvez alguma mulher usando ervas de maneira diferente, ou um grupo de pessoas que caminhava em direção à floresta durante a noite, entre outras declarações do gênero. Após isso, os inquisidores ainda faziam um momento de denúncias, em que qualquer pessoa que quisesse denunciar outra por heresia ou bruxaria estaria livre para fazer. Com isso várias pessoas inocentes eram executadas, já que não havia nenhuma forma de avaliação da denúncia para ter conhecimento se ela procedia ou não:

[O] interrogatório se iniciava sem tortura física, mas quando não provocava a confissão desejada, apelava-se ao suplício. Se a acusada confessasse, era preciso fazê-la reafirmar sua confissão em vinte e quatro horas, em lugar diferente. Mas se voltasse atrás, era novamente submetida ao martírio. (HANCIAU, 2004, p. 64).

Logo após o interrogatório e conseguido os nomes pelas denúncias, os inquisidores utilizavam métodos de tortura para conseguir confissões, que muitas vezes eram forçadas, ou seja, “os confessores e os juízes possuíam as últimas informações, que eram exploradas a fim de desvelar os efeitos de feitiçaria. Para extrair as confissões, era utilizada a tortura” (HANCIAU, 2004, p. 61).

Entre os métodos de tortura, encontram-se as mais horripilantes maneiras de se conseguir respostas, sendo elas terrivelmente dolorosas:

Os procedimentos diretos – as torturas propriamente ditas – variavam segundo os tempos e os lugares. Pode-se citar: a tortura da água, em que a acusada, presa pelos pés e punhos fixados na parede, deveria ingurgitar, um pouco mais de nove litros d’água e mais uma vez a mesma quantidade se a primeira tentativa não fosse suficiente; havia ainda o suplício do aquecimento dos pés, a introdução de pontas de ferro sob as unhas, “o mais excepcional martírio entre todos os outros” segundo Bodin¹. (HANCIAU, 2004, p. 64).

Esses e vários outros tipos de tortura foram utilizados na Inquisição. Além da tortura, algumas pessoas, principalmente mulheres, foram queimadas vivas em fogueiras:

Todos eram convidados a subir a fogueira, pena definitiva que reduzia o corpo a cinzas, privando-o da sepultura. Dessa forma as vítimas ficavam impedidas

de renascer, seus corpos desapareciam e suas almas penadas eram condenadas a errar eternamente, mesmo que o período fosse de crença na Ressurreição. (HANCIAU, 2004, p. 63).

Esses são apenas alguns detalhes desse angustiante período histórico, em que várias pessoas morreram injustamente e por não quererem seguir o cristianismo.

Atualmente a bruxaria ainda faz parte de nossa sociedade, e mais presente do que se imagina. Hoje a bruxaria tem várias modalidades de cultos, que algumas pessoas consideram como religiões, como a Wicca. Eles se caracterizam somente como outras maneiras diferentes de ver o mundo, usando de suas energias para obter conquistas tanto na vida material quanto na intelectual/espiritual, como a Bruxaria Natural. A Bruxaria Natural é bem livre, e seus seguidores podem escolher entre adorar ou não os deuses, ou, se preferirem, somente usar as energias que a natureza oferece e sempre respeitar a natureza e os animais. Em geral são pessoas ligadas ao bucólico, que gostam da vida em meio à natureza.

Em contraposição, temos o cristianismo, que é, em muitos aspectos, o oposto da bruxaria, sendo que a contradição existe de acordo com a imagem da mulher em ambas as situações, ou seja, os cultos aos seus próprios deuses e o grau de liberdade que possuem, entre outros itens. A ideia de bruxaria que a Bíblia condena é aquela que permite que as mulheres façam pactos com o diabo, que sejam inimigas dos cristãos, que façam mal às pessoas e que façam orgias sexuais, o que não parece ser a proposta da bruxaria. Porém, é importante reconhecer que existem vertentes que procuram subverter o poder da igreja, principalmente por serem perseguidos.

Essa é uma das principais metáforas que representa as mulheres insubordinadas, que querem ter opiniões próprias e independência na sociedade. Nesse sentido, observando-se a história da bruxa, pode-se discutir que trazer a figura da bruxa, do monstro que contrasta com a figura angelical que frequenta a igreja e é fiel a todos os bons costumes articulados pela ordem do homem, é uma maneira de conseguir maior representatividade feminina em várias esferas sociais.

Assim, a bruxaria tem diversas fontes de início e existem várias teorias sobre o que ela realmente é. Algumas fontes se caracterizam como histórias de folclore e outras são rituais verdadeiros e que são realmente seguidos nos dias de hoje. Em *Lolly Willowes*, a bruxaria está presente de formas variadas, incluindo situações que são apenas folclóricas e outras que mostram rituais que ainda são praticados na

bruxaria moderna. Existem, também, alguns elementos que são somente comentários criados a respeito da bruxaria e que não são possíveis de saber se procedem ou não.

Desde o início do romance, Laura se mostra conhecedora de / interessada por plantas e ervas, citando várias ao longo do texto. Em diversas situações, plantas que podem ser analisadas de acordo com seu significado mágico. Laura “[s]empre tivera uma queda pela botânica e também herdara um talento para o preparo de poções” (WARNER, 2013, p. 29). Assim já é possível perceber a ligação de Laura com a fitologia.

Como relatado anteriormente, a bruxa é ligada com e precisa ter conhecimento de ervas. Dentro desse conceito existe “[u]ma variedade incrível de ervas – incluindo frutas, árvores, flores, raízes, castanhas, sementes, algas, samambaias, capins e todos os outros tipos de materiais vegetais – [que] é usada na magia popular” (CUNNINGHAM, 1998, p. 42). Elas são o seu principal instrumento mágico. Porém, não basta apenas estar em contato com as ervas, a bruxa precisa ter o conhecimento tanto mágico como medicinal delas. As ervas são usadas de diversas formas na bruxaria como: chás, banhos, escalda-pés, óleos essenciais, tinturas, ou simplesmente deixá-las cumprir seu papel sem nenhuma alteração na sua propriedade, até mesmo simplesmente deixando-as plantadas no jardim. Levando em consideração o significado de ervas mágicas que Laura cita e utiliza ao longo de sua jornada e ainda relacionando esse significado com a situação que ocorre em determinado momento, pode-se perceber o entrosamento que a autora transpassa para construir sua personagem como bruxa.

No início do livro, quando seu pai vem a falecer, Laura pensa em levar sua escrivaninha para a casa da cunhada Caroline, quando vai se mudar, e, de repente, ela lembra de sua outra cunhada Sibyl: “Estava casada com James havia dois anos apenas, e, se a escrivaninha tivesse deixado alguma marca no papel de parede da salinha, bastaria pôr algo em seu lugar. Samambaias e plantas em vasos cumpririam bem esse propósito” (WARNER, 2013, p. 7-8). A samambaia além de uma planta bonita para enfeitar casas, assim como Laura menciona, ela tem um significado muito interessante tratando-se de tê-la em uma casa. Seu papel na bruxaria, como planta mágica, é de afastar a negatividade e trazer proteção para a casa. Alguns ainda usam a samambaia “para plantar nos cantos do jardim: isso criava uma linha protetora contra todo o mal” (LEO, 2018). Com a morte do pai de Laura e a sua saída da casa, a ideia de trazer samambaias para o interior da casa é muito interessante, pois como

discutido anteriormente, ela pode espantar toda má energia lançada para a casa, além de afastar o mal olhado.

Em uma outra situação, Nannie Quantrell ensina a Laura uma quadrinha sobre o uso das urtigas para a saúde: “*Se comessem urtigas em março / E tomassem Artemísia em maio, / Muitas raparigas direitas / Evitariam olhares de soslaio*” (WARNER, 2013, p. 29). Ao ser analisada pode ser um pequeno feitiço, pois as ervas citadas têm propriedades mágicas interessantes, por exemplo, a urtiga é muito importante para afastar o mal e más pessoas, e ainda serve para fortalecer a saúde, já a artemísia é usada como auxílio para realização de projetos. Portanto como diz a quadrinha, ao ingerir as ervas a moça estaria livre de maus olhares e sem inveja em cima de seus planos.

No período em que Laura ficou na casa de seu irmão, ela gostava de comprar flores de diversos tipos para enfeitar a casa em seus vários cômodos. Além das samambaias, outras flores que Laura comprava eram as dalias e lírios: “Imagine, Lolly! Lírios nesta época do ano! – exclamava Caroline, não em tom de censura, mas mesmo assim com a consciência de que no salão havia dalias, na sala de jantar, uma samambaia, [...]” (WARNER, 2013, p. 67). As propriedades mágicas da dália são aparentar beleza física, além de ampliar a intuição e a sensibilidade das pessoas, incluindo força em um relacionamento amoroso entre duas pessoas, que analisando poderiam ser Henry e Caroline. E o fato de as samambaias estarem na sala de jantar faz com que ela afaste a negatividade que possíveis convidados possam trazer para a casa.

Os lírios são “[s]ímbolo da pureza feminina. [...] Acredita-se que, nos jardins, são verdadeiras barreiras contra malefícios” (NATURAL, 2009). Parecida com a samambaia em seu significado mágico, o lírio vai simbolizar a pureza feminina à qual Laura se encaixa, uma vez que é pura e não tenha se casado ao longo de sua vida. Além de toda a força feminina que está a despertar no interior de Laura, ao tomar a decisão de ir viver sozinha, sua feminilidade e desejo será aparente.

“No dia seguinte, Caroline esbarrava em Laura na escada carregando azaleias” (WARNER, 2013, p. 67). Com sua maneira de manter a casa sempre com boa energia e colorida com flores, dessa vez Laura usa das azaleias que são flores cujo significado mágico remete à feminilidade, à pureza de sentimento, ao amor e à generosidade (AUR, 2019), e é uma planta da alegria e da sorte. Além disto, em uma de suas idas à cidade, ela encontra uma lojinha que é uma mistura de quitanda e de

floricultura. Lá Laura compra um maço de crisântemos: “Quando reapareceu com o troco para a nota de uma libra e com os crisântemos embrulhados em folhas de papel branco, o quitandeiro trouxe também vários ramos de faia, que explicou estarem incluídos no preço” (WARNER, 2013, p. 71-72).

Os ramos de faia são de uma árvore e também têm um significado que é importante para a magia. O crisântemo “simboliza a alegria e representa também a perfeição e a simplicidade” (PORTAL A&E). Os ramos de faia, que vieram junto com o maço de crisântemos, são de uma árvore que tem como significado a proteção e também é portadora da magia da vida. Sem uma percepção consciente, Laura cria uma camada enorme de proteção e alegria na casa de seu irmão, as samambaias e os ramos de faia são muito fortes nesse quesito. Assim, enchia a casa com essas e outras flores com um significado oculto, demonstrando que a bruxaria já estava presente em sua vida. Sendo a governanta da casa, Laura gostava de se distrair com flores e plantas e esse é um dos principais caminhos para a bruxaria. Laura não era totalmente feliz com esse papel, ela era alegre e gostava da família do seu irmão, mas seu chamado interno já gritava dentro de si.

Após se mudar para Great Mop e começar a ter convivência com seus vizinhos, Laura continua com seu contato com as plantas, quando eram “chegados os primeiros dias de verão e os primeiros botões de prímulas em maio” (WARNER, 2013, p. 119). Portanto, depois de passar um tempo com o sr. Saunter cuidando de galinhas, Laura volta para casa e pensa em colher essas primeiras prímulas do verão. As prímulas são flores “[r]ecomendadas especialmente para fortalecer os laços de amizade” (FLORES, 2016). E é exatamente esse laço que Laura cria com o sr. Saunter, um laço de amizade, não uma amizade íntima, mas algo mais simples e breve.

Alguns minutos depois de Laura ser mordida pelo gato que a transformou em bruxa, Laura começa a reanalisar seu dia, retornando ao momento em que entra dentro de casa e sente um cheiro estranho, que possivelmente veio acompanhado pelo gato: “O odor animal que percebera logo ao entrar na sala agora lhe parecia um fedor insuportável. Era como se as paredes, o piso e o teto tivessem sido lambuzados com seiva de funcho esmagado” (WARNER, 2013, p. 135). Ao analisar especificamente o funcho na bruxaria, é uma erva usada “para manter afastada a negatividade e o mal. Deve ser plantada próxima a casa com o mesmo propósito”

(SILVEIRA). O gato de Laura trouxe consigo o aroma do funcho deixando Laura e toda sua casa protegida da negatividade e do mal.

Algum tempo antes de Titus ir embora de Great Mop, Laura chega de um passeio pelo bosque e encontra Titus e Pandora em sua casa, e recebe a notícia de que Pandora acaba de ser pedida em casamento por Titus. Com essa situação Laura decide passar um prato com alguns petiscos para ambos se deliciarem. Um dos petiscos são biscoitos de gengibre, que também tem uma utilidade na bruxaria: “[o] gengibre contribui em nossas relações, ele pode gerar um sentimento de amor e alegria, proporcionando um relacionamento melhor com o próximo” (WEMYSTIC). Como Titus acabara de pedir Pandora em casamento, o biscoito de gengibre é bem oportuno, fazendo com que os laços do casal se tornem fortes.

As ervas estão presentes em nosso cotidiano, e as usamos para quase tudo, principalmente as pessoas mais antigas e que vivem no interior, podendo assim ter mais acesso a esse instrumento mágico. Como Cunningham diz,

[e]ssa é uma forma de magia da qual não nos esquecemos completamente, pois ainda oferecemos flores às pessoas queridas, usamos perfumes e colônias de essências vegetais para atrair companheiros, servimos refeições realçadas com ervas para possíveis amantes (ou as recebemos). (1998, p. 42).

Por meio disso, as ervas e o que a natureza oferece são conhecimentos necessários com os quais qualquer bruxa ou mago, usando suas energias, pode se beneficiar, muito embora, muitas pessoas desconheçam seus benefícios.

Além do conhecimento com as ervas, Laura também, desde o início do romance, mostra-se ligada à bruxaria, por falas e atitudes, e demonstra isso desde pequena, pois a bruxaria é ter um sentimento de amor, bem-estar e alegria ao estar em contato com a natureza e com os animais: “Era bruxa por vocação. Mesmo nos velhos tempos em Lady Place, o impulso comichava no seu íntimo” (WARNER, 2013, p. 140).

Laura demonstra o contato com a natureza em uma situação em que seus irmãos estão brincando e a esquecem amarrada com grilhões de feno: “Ali encontrou a filha, sentada satisfeita sob grilhões feitos de feno, contando para si mesma a história de uma cobra que não tinha capa de chuva” (WARNER, 2013, p. 17). Laura, por ser uma criança ainda e desde cedo em contato com a natureza, não se preocupou

por estar sozinha, mas sim se divertiu criando uma história de um animal cheio de significados para si mesma.

Essa ligação com a natureza, gerada desde criança, fez com que Laura se sentisse um pouco triste após a morte de seu pai, pois ela teria que se mudar para Londres e abandonar tudo o que tinha ali na sua casa:

Em Londres, porém, não haveria estufa com um tanque espelhado, não haveria um celeiro cheio de maçãs nem barracão de ferramentas cheirando a terra cálida, com buquês de magnólias pendendo do teto, ou sementes de girassol numa jardineira de madeira e bulbos em grossos sacos de papel e rolos de barbante alcatroado e lavanda secando em uma bandeja de chá. (WARNER, 2013, p. 9-10).

Nota-se que todos os itens dos quais Laura sentirá falta são itens que de alguma forma estão relacionados com a natureza, e que a deixam feliz. Ela cita itens relacionados com alguns dos quatro elementos que são a base da magia na bruxaria: “Os elementos do simbolismo mágico são os componentes básicos de tudo o que existe. Estes quatro elementos – Terra, Ar, Fogo e Água – são ao mesmo tempo visíveis e invisíveis, físicos e espirituais” (CUNNINGHAM, 2018, p. 45).

O elemento Terra está relacionado à estabilidade e à prosperidade, e é representado no celeiro de maçãs, em parte no cheiro de terra cálida, das flores magnólias, das sementes de girassol e da lavanda que está secando para que se faça chá. O elemento Água que representa as nossas emoções está relacionado fortemente com o tanque de água espelhado. E o elemento Ar que significa a comunicação, a criatividade e até mesmo a concentração, Laura destaca com o aroma de terra e da lavanda, por ser uma flor de forte aroma agradável. Laura somente não cita um item – no excerto citado - que possa representar o elemento fogo, que é relacionado à nossa coragem, isso faz com que Laura aceite a ida para Londres sem objeções, sem coragem para opinar, mesmo dizendo que prefere ficar em sua casa.

Ao longo do tempo da sua vida em Londres, com seu interesse pelas flores, Laura um dia decide comprar alguns materiais para analisar: “Laura entrou numa livraria, onde comprou um pequeno guia turístico dos Chilterns e pediu um mapa daquela região. Explicou que o mapa deveria ser muito detalhado e fornecer o máximo possível de nomes e rotas” (WARNER, 2013, p. 72). Esse material que Laura adquiriu, foi um dos pontos de partida para que ela se mudasse para Great Mop, que até então não conhecia. Só passou a conhecer depois de algumas pesquisas nesse material.

Laura geralmente não se manifestava muito em conversas, mas em um jantar com a família, Laura decidiu dar a notícia que iria se mudar para Great Mop. Ninguém acreditou nela e acharam que era apenas uma piada de sua parte, Henry até faz uma brincadeira dizendo que “quando fosse morar em Great Mop, ela voltaria a sair à cata de ervas e se tornaria a bruxa da aldeia. – Seria ótimo! – exclamou Laura” (WARNER, 2013, p. 80).

A protagonista se mostra firme perante sua opinião de mudança e também não demonstra incômodo algum ao ser chamada de bruxa pelo irmão. Pois a bruxaria, a vida no campo, solitária e que a permita viver o restante de sua vida, é exatamente o que Laura deseja. Ter sua liberdade de escolhas sem ter que passar por uma avaliação masculina ou por comentários sociais é o que ela mais almeja. Deve-se levar em consideração que Laura não tinha planos de se tornar bruxa, esse foi um sentimento que veio à tona após um período de sua vivência em Great Mop.

Apesar de ser uma ideia contrária à de seu irmão, Laura faz sua mudança. E após alguns dias morando em sua pequena casa no vilarejo, Laura já teve a experiência de caminhar pelos bosques. Em uma de suas caminhadas, “Laura encostou o rosto contra uma árvore e fechou os olhos para escutar, esperando ouvi-la trepidar como um poste de telégrafo” (WARNER, 2013, p. 107). Como discutido anteriormente a natureza é a parte essencial da bruxaria, e as árvores são também muito importantes para a magia. Cunningham (2018, p. 99) fala da importância das árvores dizendo que estas “[...] estão intimamente associadas à magia [...] são símbolos e guardiãs de poder ilimitado, longevidade e atemporalidade”.

Sendo assim, as árvores podem ser usadas para feitiços ou simplesmente para curar e fazer pedidos. Laura, ao tocar o rosto na árvore, está descarregando suas energias negativas e adquirindo boas energias. Esse é um ato muito praticado pelas bruxas e bruxos modernos, sendo eles seguidores da Wicca ou simplesmente bruxas naturais.

Laura manteve outros contatos com as árvores, e um deles foi em uma de suas caminhadas, quando mergulhou fundo em sua imaginação e, então, começou a imaginar todos seus familiares lhe chamando de volta para Londres, dizendo que iriam tirá-la daquele bosque. Laura saiu do transe: “ – Não – gritou Laura, juntando as mãos em desespero. – Não! Vocês não hão de me levar. Não voltarei. Eu não... Oh! *Ninguém* virá em meu socorro?” (WARNER, 2013, p. 132).

Laura tinha medo de perder sua liberdade, e após essa situação ela ainda ficou parada esperando uma resposta à sua pergunta. Então decidiu voltar para casa, e “[q]uando chegou à extremidade do bosque, ouviu os sussurros da folhagem pesada: “Não!”, pareciam dizer as árvores. “Não! Não deixaremos você partir” (WARNER, 2013, p. 132). Assim, as árvores responderam Laura, que por meio dessa e outras situações anteriores foi treinando inconscientemente seu contato com a natureza podendo se comunicar com ela e também a sua intuição, que é uma ferramenta muito importante para as bruxas.

Laura, ao longo do romance, colocou em prática alguns feitiços que às vezes não tiveram nenhuma intenção. Um belo exemplo de feitiço / encantamento, é quando ela faz bolinhos usando o formato de seus vizinhos, “[p]ara se distrair, moldara a massa na forma dos moradores da aldeia” (WARNER, 2013, p. 114).

Laura não fez isso com a intenção de usá-los para um feitiço, mas na bruxaria tanto folclórica como moderna existe esse tipo de magia para fazer com que situações aconteçam para a pessoa, que geralmente é representada por um boneco, seja ele de tecido, estofado com ervas ou até mesmo de comida. Esse é um dos feitiços bem populares e que são vistos até mesmo em desenhos animados.

A transformação de Laura em bruxa foi algo bem rápido e criativo, ou seja, quando ela é mordida por um gato e uma gota de sangue sai a partir dessa mordida. Laura acredita e diz que esse gatinho foi enviado pelo diabo para ele selar o pacto: “Ela, Laura Willowes, na Inglaterra, no ano de 1922, fizera um pacto com o Diabo” (WARNER, 2013, p. 135).

O gato é um item muito importante a ser analisado, pois ele é um arquétipo muito presente na sociedade desde os anos mais antigos. Ele também foi e é relacionado a bruxas, satã, deuses, mulher, entre outros: “O gato está simbolicamente associado ao feminino [...]” (OSÓRIO, 2011, p. 247-248). E assim como está relacionado à mulher, ambos estão relacionados ao mal e ao demoníaco.

No período da Inquisição, não eram somente as bruxas que eram queimadas na fogueira. O Papa Gregório IX decretou que todos os gatos e principalmente os gatos pretos fossem queimados juntamente com as bruxas:

[...] a Inquisição veio para pôr um fim na paz entre humanos, gatos e divindades. "O bichano só começou a ser visto de forma negativa a partir do cristianismo, na Idade Média. Essa ligação maligna foi feita justamente porque era um animal atribuído aos deuses pagãos. Com a Inquisição, tudo que não era da religião católica era do mal e deveria ser queimado na

fogueira", afirma Brancaglione. Profissões que tinham qualquer ligação com o gato também foram condenadas. As parteiras, por exemplo, usavam a deusa Bastet como símbolo e, por isso, foram tachadas de bruxas. No século 13, a perseguição foi ainda maior. Com a promulgação de bulas nas quais condenava os gatos, especialmente os de cor preta, associado ao satanismo, o papa Gregório IX determinou a exterminação de centenas de felinos. (BELLO, 2019).

Porém ao querer exterminar com os gatos, o papa não sabia da consequência que isso traria, pois assim como vários animais, os gatos são ótimos controladores de pragas, ou seja, de ratos. Ao acabar com os gatos, o número de ratos cresceu admiravelmente e com isso trouxe várias doenças, sendo a peste negra uma das principais decorrências (BELLO, 2019). Além deles considerarem animais demoníacos, também acreditavam que as bruxas podiam se transformar em gatos e, assim, ter acesso a vários locais, podendo praticar o mal. Outra teoria é que os gatos são um portal de comunicação com o mundo espiritual, permitindo assim aos interessados a se comunicarem com pessoas mortas. De acordo com Hyams (1972, *apud* OSÓRIO, 2011, p. 237),

[...] nenhum outro animal teria sofrido tanto quanto o gato doméstico na Europa Medieval. Na Europa Central, na Alemanha e em Flandres, diz o autor, durante a Quaresma era costume matar, queimar ou enterrar vivos tantos gatos quanto fosse possível. Durante a Páscoa, no Vosges e na Alsácia em geral os gatos eram regularmente queimados vivos. Nas montanhas de Ardenes, eles eram jogados vivos em fogueiras ou assados vivos presos em postes. A razão seria sua identificação com Satã. Segundo o autor, tais práticas seriam ritos mágicos cuja intenção era espantar o diabo.

A situação acima citada gera grande tristeza pela aniquilação de animais inocentes, mas também possibilita que se perceba o medo que se tem a respeito do gato, fazendo com que ainda hoje, algumas pessoas se apropriem de ditados como "gato preto dá azar", mostrando assim o medo em torno desses animais e também das bruxas.

Além de seu importante papel social, o gato é familiar às bruxas, por serem os animais com os quais elas convivem e compartilham energias. Os gatos têm seu papel na magia moderna e uma delas, que é bem interessante, é a capacidade de absorver a energia negativa de um local e transmutá-la em boa energia. Por isso, passam a maior parte do tempo dormindo.

Laura fala do diabo com muita naturalidade e apreço, pois foi ele quem lhe deu a oportunidade de mudar de vida. Nos vários relatos sobre a bruxaria existem pessoas que opinam dizendo que a "bruxaria é do diabo", que é má, entre outros

comentários. Em *Lolly Willowes*, pode-se verificar uma “ideia” da bruxaria; não se pode afirmar que é uma bruxaria folclórica ou uma bruxaria de contos de fadas, pois na bruxaria moderna, tanto Wicca quanto bruxaria natural, nenhuma tem o diabo como senhor ou deus. A relação da bruxa com o diabo vem propriamente da Inquisição e da igreja católica, onde o ser humano feminino já é demonizado em vários sentidos desde a criação do homem por Deus. Além de que para o cristianismo em geral existe um único Deus, e qualquer outra crença/religião que surgir fora dos padrões bíblicos, será tachada como diabólica.

O diabo é um ser que está presente no cristianismo como o inimigo de Deus e seus servos. É citado por várias vezes na Bíblia, para que o leitor possa compreender sua maldade e avareza. O Diabo era um anjo que foi expulso do céu por Deus, juntamente com outros que estavam do seu lado e decidiram seguir o anjo da luz, Lúcifer. Essas são informações que temos acesso de alguma maneira durante a vida, e que também é encontrada na Bíblia. É classificado como um ser tentador e que a todo momento está disposto a lhe oferecer algo, e sempre esperando algo em troca, que é exatamente o que acontece com Laura. Após receber a oportunidade de se tornar uma bruxa, ela teve que lhe dar algo em troca. Em sua conversa com o diabo Laura cita essa troca da vida de bruxa pela sua alma: “Pense, Satã, que elogio você faz a ela perseguindo sua alma, aguardando-a nas sombras, seguindo-a por caminhos tortuosos, ardilosos, paciente e secreto como um cavalheiro que caça tigres. Sua alma!” (WARNER, 2013, p. 186).

O diabo, que está presente em nosso imaginário, é, na maioria das vezes, o mesmo, um ser muito parecido com um humano (ainda que muitas vezes retratado com cauda e chifres). Alguns o relacionam com a cor vermelha e que talvez tenha uma voz grave e assustadora, geralmente carregando um tridente. Mas em seu livro, Warner o descreve como um simples caçador que encontra na floresta, deixando esse trecho do livro com uma visão mais amistosa, sem a preocupação de que a qualquer momento ele possa fazer algum mal a ela.

Portanto, o diabo encontrado no livro de Warner pode ser relacionado a algo bom, pois é ele quem permite que Laura tenha uma vida totalmente livre. Essa liberdade pode ser comparada ao feminismo nos tempos de Warner e na atualidade. O feminismo proporciona às mulheres a liberdade de se expressar, de serem reconhecidas como seres intelectuais e, acima de tudo, dá-lhes a oportunidade de ter os mesmos direitos que os homens. O diabo deu todas essas oportunidades a Laura,

apresentando-lhe a bruxaria, e no fim da narrativa ela é uma mulher livre sem preocupações sociais. Laura em um de seus diálogos com o diabo diz:

Algumas se refugiam na religião e se saem bem, acho eu. Para outras, porém, para tantas outras, o que pode haver senão a bruxaria? [...] Por isso nos tornamos bruxas: para mostrar nosso desdém pelo fingimento de que a vida é uma atividade segura, para satisfazer nossa paixão por aventura. [...] Ninguém se torna bruxa para sair por aí prejudicando, nem para sair por aí ajudando, como uma voluntária de paróquia montada numa vassoura, mas, sim, para escapar de tudo isso, para ter vida própria e não uma existência parcimoniosamente alimentada por terceiros [...]. (WARNER, 2013, p. 186-187).

Assim, fica bem claro o sentimento de Laura a respeito de toda a questão social em que a mulher está aprisionada, deixando-a feliz por ter sido liberta dessa teia de obrigações impostas e também a deixa de certa forma pensativa, pois ela deseja que todas as mulheres possam ter acesso a essa nova vida, em que possam ter suas próprias vozes, desejos e planejamentos e não serem julgadas por não adotarem a postura feminina adequada determinada pela sociedade patriarcal. Todo esse contato com a bruxaria a deixou feliz por poder ser livre e viver da maneira que seu interior almejava.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Warner foi uma grande escritora em sua época, com uma obra numerosa que trata de diversos assuntos, mas principalmente do feminino, ou seja, da presença da mulher na sociedade e da liberdade feminina na sociedade do começo do século XX. Apesar de ter sido uma escritora muito habilidosa, sua obra foi muito negligenciada por muito tempo, tornando-a pouco conhecida ou procurada no meio acadêmico, tanto no exterior como também no Brasil. Além disto, o acesso ao seu trabalho é bem complicado, pois grande parte dele é protegida ou só pode ter a permissão liberada por meio de acordos institucionais ou por adesão a sites de compartilhamento. De seus romances, somente *Lolly Willowes* tem tradução para o português. Felizmente, desde 2015, estudiosos têm se interessado em pesquisar a vida da escritora e sua obra, que apresenta uma preferência por temáticas realistas, mas, também, que recorrentemente se utiliza do fantástico, com personagens inseridos no mundo do sobrenatural.

Essa escritora foi uma grande influência para o fortalecimento do feminismo em sua época. Podemos nitidamente perceber essa característica em *Lolly Willowes*, que veementemente apresenta elementos do fantástico e que, sem dúvida, foi marcado pela escrita feminina do feminino, ou seja, pela mulher que fala sobre o protagonismo da mulher ao final da década de 1920, o que não era muito comum nesse período. Em *Lolly Willowes*, Warner trabalha com a metáfora da “bruxaria” para representar a libertação da mulher na sociedade. Como a própria personagem diz, a bruxaria não foi usada para fazer mal a alguém e sim para possibilitar às mulheres a consciência de que têm a chance de “viver”, uma vez que o que as mulheres faziam era somente sobreviver com sua vida planejada desde o seu nascimento. Assim, na maioria das vezes, elas nasciam, cresciam, casavam-se com o homem escolhido pelos líderes masculinos de seus lares, tornavam-se donas de casa e cuidavam de seus filhos pelo resto da vida. Apesar da luta e da conquista femininas terem sido imensas, na atualidade ainda parece existir esse pensamento de que a mulher foi criada para reproduzir e cuidar da casa. Os direitos femininos e sua liberdade já não são os mesmos daqueles do século passado; no entanto, muito ainda precisa ser melhorado.

Foi visto que a bruxaria se faz presente até os dias de hoje em muitas sociedades; porém, com várias ramificações e, obviamente, diferente do que era

concebido em tempos passados. Em *Lolly Willowes*, Warner usa uma forma adaptada de bruxaria, e, ainda que se tenha verificado que a autora tomou como base os estudos de Margaret Murray, em *O Culto das Bruxas na Europa Ocidental* (*The Witch-Cult in Western Europe*) sendo sua primeira publicação em 1921, sabe-se que essa vertente religiosa se transformou muito até os dias de hoje. Laura deixa clara a presença da bruxaria em sua vida por meio do conhecimento das ervas e plantas que usa, para agirem em momentos oportunos dentro da casa de seu irmão e também em sua pequena casa em *Great Mop*. Dessa maneira, Warner mostra a ligação que as bruxas possuem com a natureza. Após a breve análise que se encontra no primeiro capítulo, é possível perceber que a transformação de Laura em bruxa é uma característica do fantástico sobrenatural. Seu desejo por solidão, suas viagens mentais em frente à lareira da casa de seu irmão e o local que Laura escolhe para viver possuem características góticas, deixando as cenas com um tom de suspense e medo.

Por outro lado, com o cristianismo, a discussão se torna diferente, pois sua visão da mulher é a de inferioridade, desde a criação até os cultos atuais. Percebe-se que muito fiéis ainda destinam o papel de submissão à mulher, culpando-a por ter cedido às exigências da serpente no momento da criação do mundo, recaindo toda culpa e demonização sobre ela. Assim, a mulher se torna um ser impuro e que deve somente obedecer ao seu superior do sexo masculino. Vários são os trechos da Bíblia que demonstram essa superioridade masculina perante as mulheres. Porém, também existem na Bíblia citações de Jesus em conversas com mulheres, o que, perante a sociedade, não poderia acontecer, simplesmente pelo fato de serem mulheres ou, até mesmo, prostitutas. Dessa maneira, é possível ver que a submissão da mulher tem sua vertente mais forte pelo contexto social e cultural do período em que a Bíblia foi criada e não, propriamente, pela imposição de Jesus.

Assim, com todo esse desprezo pela mulher, o cristianismo foi responsável por um dos maiores genocídios da história, matando milhares de pessoas, principalmente mulheres, por confundi-las com bruxas por causa de sua sexualidade ou sedução, ou até mesmo por fazerem parte de uma outra vertente religiosa como a bruxaria, que na época nada mais era do que pessoas com conhecimentos sobre ervas, parteiras, pessoas com forte ligação com a natureza entre outras características bucólicas, que a situação de vida as forçava a ter, principalmente pela

falta da medicina na época. O simples fato de alguém não concordar com a crença cristã fazia com que uma pessoa fosse vista como perigosa para a igreja.

A partir das discussões nesse trabalho, pôde-se observar que a bruxa presente em *Lolly Willowes* é uma metáfora da liberdade feminina e que o diabo tem grande papel nessa libertação, pois ele indica aquilo que é contrário ao sólido sistema patriarcal que não deveria ser violado; a liberação da mulher é um desses exemplos de subversão do mundo dos homens. O cristianismo presente na narrativa traz uma visão do que foi (e ainda é, de uma forma bem mais amena) a vida das mulheres ao serem destinadas a escolherem um caminho predeterminado e a cumprirem as leis do cristianismo. Apesar da interpretação bíblica ter mudado nos últimos anos com a modernidade e o cristianismo ter perdido sua popularidade, ainda existem pessoas muito conservadoras, que não permitem que a mulher tenha suas próprias opiniões colocadas em nenhuma situação. É exatamente isso que Warner expressa em seu romance, no momento em que Laura não foi autorizada pelo irmão para conhecer novas religiões ou no momento em que anuncia sua saída de sua casa. Porém, Laura decide partir mesmo com a negação de seu irmão, transformando-se em uma mulher livre; livre do mundo que a continha e livre para escolher o que queria fazer, muito bem representada pela imagem da bruxa, por Warner.

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA. **Efésios: O lar cristão: marido e mulher.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- A BÍBLIA. **Gênesis: a queda do homem.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- A BÍBLIA. **Levítico: imundícias do homem e da mulher.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- AUR, Deise. **Green me farei bem à terra: Simbolismos e significados da azaleia.** A planta da alegria e da boa sorte. 2019. Disponível em: <https://www.greenme.com.br/significados/7446-simbolismo-significados-azaleia>. Acesso em: 04 mar. 2019.
- AZERÊDO, Genilda. Jane Austen e a recodificação paródica do gótico em *Northanger Abbey*. **Ilha do Desterro – A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies**, Florianópolis, n. 62, p. 75-98, jan./jun., 2012. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/26989>. Acesso em: 14 maio 2019.
- BAKER, Harriet. Landscape and embodiment in Sylvia Townsend Warner's *Lolly Willows* and *The True Heart*. **The Journal of the Sylvia Townsend Warner Society**, Londres, v. 18, n. 5, p. 45-65, Out. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/328540524_Landscape_and_Embodiment_in_Sylvia_Townsend_Warner's_Lolly_Willows_and_The_True_Heart. Acesso em: 30 mar. 2019.
- BELLO, Paola. **Revista Galileu: Um novo olhar sobre o gato.** Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDR84040-7943,00.html>. Acesso em: 25 mar. 2019.
- BINGHAM, Frances. The practice of the presence of Valentine: Ackland in Warner's work. In: DAVIES, Gill; MALCOLM, David; SIMONS, John. **Critical essays on Sylvia Townsend Warner, English novelist, 1893-1978.** Lewiston: Edwin Mellen Press, 2006. p. 29-44.
- BOURDIEUR, Pierre. **Dominação masculina.** Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2012.
- CAMARANI, Ana Luiza Silva. **A literatura fantástica: caminhos teóricos.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/ApoioaoEnsino/LaboratorioEditorial/colecao-letras-n9.pdf>. Acesso em: 13 maio 2019.
- CLARK, Stuart. **Pensando com demônios: a ideia de bruxaria no princípio da Europa moderna.** Tradução de Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Edusp, 2006.
- CUNNINGHAM, Scott. **Técnicas de magia natural: o poder da terra.** Tradução de Soraya Borges de Freitas. São Paulo: Madras, 2018.

_____. **A verdade sobre a bruxaria moderna.** Tradução de Claudio Quintino. São Paulo: Gaia, 1998. Disponível em: http://static.tumblr.com/jstn12f/Ja3nkv770/a_verdade_sobre_a_bru_xaria.pdf. Acesso em: 07 mar. 2019.

_____. **Guia essencial da bruxa solitária.** Tradução de Claudio Quintino. São Paulo: Gaia, 2001. Disponível em: <https://www.armazem3bruxas.com.br/images/ebooks/guia-essencial-da-bruxa-solitaria-completo.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2018.

DAVIES, Gill. Introduction. In: DAVIES, Gill; MALCOLM, David; SIMONS, John. **Critical essays on Sylvia Townsend Warner, English novelist, 1893-1978.** Lewiston: Edwin Mellen Press, 2006. p. 1-10.

FARRAR, Janet; FARRAR, Stewart. Introdução. In: **Oito sabás para bruxas e ritos para o nascimento, casamento e morte.** Tradução de Edson Bini. São Paulo: Anubis, 1999. p. 11-30. Disponível em: https://pt.scribd.com/doc/70613755/Oito-Sabas-Para-Bru_xas-Janet-e-Stewart-Farrar. Acesso em: 11 mar. 2019.

FLORES, Giuliana. **Giuliana Flores: Prímulas – Flor da Felicidade e Amizade.** 2016. Disponível em: <https://blog.giulianaflores.com.br/arranjos-e-flores/primulas-flor-da-felicidade-e-amizade/>. Acesso em: 06 mar. 2019.

GINZBURG, Carlo. **História noturna: decifrando o sabá.** Tradução de Nilson Moulin Louzada. São Paulo: Companhia de Letras, 2012.

HANCIAU, Nubia. **A feiticeira no imaginário ficcional das Américas.** Rio Grande: Editora da Furg, 2004.

HARMAN, Claire. **Sylvia Townsend Warner: a biography.** London: Minerva, 1991.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/399787605/EXPLOSAO-FEMINISTA-1-pdf>. Acesso em: 23 jun. 2019

HOTZ-DAVIES, Ingrid. Introduction to *Kingdoms of Elfin* – Handheld Press. **The Journal of the Sylvia Townsend Warner Society**, Londres, v. 18, n. 2, p. 1-17, Abr. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/328540524_Landscape_and_Embodiment_in_Sylvia_Townsend_Warner's_Lolly_Willowes_and_The_True_Heart. Acesso em: 30 maio 2019.

JACOBS, Mary. Sylvia Townsend Warner and the politics of the English pastoral 1925-1934. In: DAVIES, Gill; MALCOLM, David; SIMONS, John. **Critical essays on Sylvia Townsend Warner, English novelist, 1893-1978.** Lewiston: Edwin Mellen Press, 2006. p. 61-82.

JOANNOU, Maroula. Prefácio. In: DAVIES, Gill; MALCOLM, David; SIMONS, John. **Critical essays on Sylvia Townsend Warner, English novelist, 1893-1978.** Edwin Mellen Pr, 2006.

JONES, Evan John; VALIENTE, Doreen. **Feitiçaria: a tradição renovada.** Tradução de Angela do Nascimento Machado. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992. Disponível em: <https://imperioequimbanda.com.br/pdf/feiticaria-a-tradicao-renovada.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2019.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O martelo da Feiticeiras**: Malleus Maleficarum. Rio de Janeiro: Record, 1997. TRadução: Paulo Fróes.

LENZI, Tié. **Toda política**: o que é o movimento feminista? 2018. Disponível em: <https://www.todapolitica.com/movimento-feminista/>. Acesso em: 16 maio 2019.

LEO. **Viver Natural**: As folhas e a raiz da samambaia na magia. 2018. Disponível em: <https://www.vivernatural.com.br/esoterismo/magia-da-samambaia/>. Acesso em: 04 mar. 2019.

LIMA, Rita de Lourdes de. O imaginário judaico-cristão e a submissão das mulheres. In: FAZENDO GÊNERO 9: DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS, 2010, Rio Grande do Norte. **Artigo**. p. 1-9. Disponível em: http://www.fazendo.genero.ufsc.br/9/resources/anais/1277853385_ARQUIVO_comunicoraltrabcompleto.Genero.pdf. Acesso em: 26 jan. 2019.

LOPES, Roberto. **O livro da bruxa**. São Paulo: Ediouro, 2008.

MACDONALD, Kate. Sylvia Townsend Warner, *Kingdoms of Elfin*. HANDHELDPRESS, Bath: 2019. Disponível em: <https://www.handheldpress.co.uk/classic-kingdoms-of-elfin/>. Acesso em: 05 maio 2019.

MICHAELIS On-line: Religião. 2019. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=0LEYn>. Acesso em: 22 jan. 2019.

MOLE, Jones. Orelha do livro. In: WARNER, Sylvia Townsend. **Selected Poems**. New York: Viking, 1985. Disponível em: https://openlibrary.org/books/OL2550292M/Selected_poems. Acesso em: 05 mar. 2019.

MONTEFIORE, Janet. **Men and women writers of the 1930s**: The dangerous flood of history. London and New York: Routledge, 2005.

MONTERO, Paula et al. Religião: sistema de crenças, feitiçaria e magia. In: **Sociologia: ensino médio**. Amaury César Moraes. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Coleção Explorando O Ensino, 2010. p. 123-138. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7843-2011-sociologia-capa-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 17 jan. 2019.

MURRAY, Margaret. Orelha do livro. In: **O culto das bruxas na Europa Ocidental**. Tradução de Getúlio Elias Schanoski Júnior. São Paulo: Madras, 2003.

NATURAL, Cura. **Clã da floresta o caminho natural**: pequeno guia mágico de flores. 2009. Disponível em: <http://cladaflorestadosul.blogspot.com/2009/11/pequeno-guia-magico-de-flores.html>. Acesso em: 04 mar. 2019.

OSÓRIO, Andréa. Alguns aspectos simbólicos acerca do gato. **Ilha**, v. 12, n. 2, p. 232-259, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2010v12n1-2p233/20809>. Acesso em: 25 mar. 2019.

PALÁCIO, Carlos. **A originalidade singular do cristianismo**. 1994. Disponível em: <http://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1181/1587>. Acesso em: 23 jan. 2019.

PARADISO, Silvio Ruiz. Mulher, bruxas e a literatura Inglesa: um caldeirão de contra discurso. **Revista Cesumar – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 189-202, Mar. 2011. Disponível em: <http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revcesumar/article/view/1267/1221>. Acesso em: 30 mar. 2019.

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela Maria da Silva Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007. Disponível em: <https://www.academia.edu/27869340/310564251-Minha-Historia-Das-Mulheres-Michelle-Perrot.pdf>. Acesso em: 9 set. 2018. P. 62-67.

PHILLIPS, Melanie. **The ascent of woman: a history of the suffragette movement**. London: Abacus, 2004.

PIRES, Valéria Fabrizi. **Lilith e Eva: Imagens arquetípicas da mulher na atualidade**. São Paulo: Summus, 2008. 135 p.

PORTAL A&E. Guia mágico das flores, a magia das flores. Disponível em: <http://www.astrologosastrologia.com.pt/blog/magia/guia-magico-das-flores-a-magia-das-flores/>. Acesso em: 06 mar. 2019.

SHIN, Jacqueline. *Lolly Willowes and the Arts of Dispossession*. **John Hopkins University Press**, v. 16, n. 4, p. 709-725, Nov. 2009. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/367851/summary>. Acesso em: 12 ago. 2018.

SILVEIRA, Rodrigo. **Ervanarium: Funcho**. Disponível em: <https://ervanarium.com.br/planta/funcho/>. Acesso em: 06 mar. 2019.

SIMONS, John. On the compositional genetics of the *Kingdom of Elfin* together with a note on tortoises. In: DAVIES, Gill; MALCOLM, David; SIMONS, John. **Critical essays on Sylvia Townsend Warner, English novelist, 1893-1978**. Lewiston: Edwin Mellen Press, 2006. P. 45-60.

SOHN, Anne-Marie. Between the wars in France and England. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **A history of women in the west: toward a cultural identity in the twentieth century**. London: Harvard University, 1994.

TAYLOR, Alan J. P. **English history: 1914-1945**. Oxford: Clarendon Press, 1965.

TEIXEIRA, José Luiz Sauer. A atuação das mulheres nas primeiras comunidades cristãs. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 18, n. 72, p. 55-63, Dez. 2010. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/15374/11482>. Acesso em: 21 jan. 2019.

WARNER, Sylvia Townsend. **Opus 7**. [New York]: Viking Press, 1931. 66 p.

_____. **Selected poems**. New York: Viking, 1985. Disponível em: https://openlibrary.org/books/OL2550292M/Selected_poems. Acesso em: 05 mar. 2019.

_____. **Kingdoms of Elfin**. New York: The Viking Press, 1977.

_____. **Lolly Willowes**. Tradução de Regina Lyra. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

WEMYSTIC Brasil: conheça os benefícios do gengibre e os seus poderes ocultos. Disponível em: <http://www.wemystic.com.br/artigos/beneficios-gengibre/>. Acesso em: 06 mar. 2019.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros ensaios**. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre, São Paulo: L&PM Pocket, 2012.